



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS**



**DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA AO RACISMO RELIGIOSO: UMA  
ANÁLISE DISCURSIVA DE NOTÍCIAS DA MÍDIA SERGIPANA SOBRE A  
HOSTILIDADE AOS POVOS DE TERREIRO**

**MARIA GRAZIELA CORREIA DOS SANTOS**

São Cristóvão/SE

2025

MARIA GRAZIELA CORREIA DOS SANTOS

**DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA AO RACISMO RELIGIOSO: UMA  
ANÁLISE DISCURSIVA DE NOTÍCIAS DA MÍDIA SERGIPANA SOBRE A  
HOSTILIDADE AOS POVOS DE TERREIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS) como requisito total à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Estudos do discurso, identidades e relações de poder.

Orientador: Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos.

São Cristóvão/SE

2025

MARIA GRAZIELA CORREIA DOS SANTOS

**DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA AO RACISMO RELIGIOSO: UMA  
ANÁLISE DISCURSIVA DE NOTÍCIAS DA MÍDIA SERGIPANA SOBRE A  
HOSTILIDADE AOS POVOS DE TERREIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS) como requisito total à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Estudos do discurso, identidades e relações de poder.

Orientador: Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos.

Aprovada em: **XX** de fevereiro de 2025.

---

Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Presidente (orientador)

---

Profa. Dra. Máisa Ramos Pereira  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
Examinadora (externa)

---

Prof. Dr. Ilzver de Matos Oliveira  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Examinador (interno)

---

Profa. Dra. Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Examinadora (suplente interna)

---

Prof. Dr. Rafael Borges Ribeiro dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
Examinador (suplente externo)

À minha avó Nininha (*in memoriam*); e à Bárbara  
Bitencourt Correia (*in memoriam*), minha prima/irmã.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos orixás por me fazerem maior do que muitas vezes imaginei ser. Sou grata a Exu, senhor do tempo, por fazer a minha vida “andar” todos os dias; a Iemanjá e Ogum por serem os donos do meu orí; a Oxoguiã, Oxóssi, Oxum e Oyá pela proteção.

Aos meus pais biológicos, Sra. Maria do Amparo da Silva Correia e Sr. Adelmo dos Santos, por me darem vida todos os dias por meio de suas manifestações de carinho e amor; aos meus pais e mães do coração — Valdezina da Silva Céu (*in memoriam*), tio Rui da Silva Correia, Irani dos Santos, Evanice da Silva Correia e Edivan Oliveira Lima — pela dedicação. Aos meus irmãos de sangue, Aron Marcos Correia dos Santos, Arnon Marcelo Correia dos Santos e Brandon Correia dos Santos, pelo companheirismo; ao meu companheiro, Anilton Evangelista Júnior, pela motivação; aos meus parentes (tios, tias, primos e primas) e cunhadas, pelo incentivo.

Aos meus pais, mães e irmãos de terreiro, representados aqui por Pai Juraci de Arimatéia Júnior, meu pai de santo e zelador; a Mãe Danielle Azevedo, Mãe Priscila Rodrigues Oliveira, Mãe Victória de Freitas e Pai Valderson Messias dos Santos, minhas mães e pai pequenos; Huguslan Almeida e Suyan Dionízio, meus irmãos de barco, pelo axé. Aos meus filhos do coração, Horestes Moura, Maria Paula Dias Anjos e Maitê de Lima, pelo zelo; ao Pai Genivaldo Martires, Pai Ramon Diego Fonseca e ao irmão Erikson Santos pela ajuda acadêmica; e a todos os meus amigos, pelos conselhos.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Jocnilson Ribeiro dos Santos, por incansavelmente acreditar no meu potencial e me incentivar a levantar a cabeça todas as vezes em que eu esquecia quem eu era e quanta força eu tinha. Ele me mostrou que o esforço pode nos levar longe e que a empatia é uma das virtudes mais preciosas do ser humano.

Agradeço à Universidade Federal de Sergipe (UFS) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) por me permitirem nutrir-me de conhecimento nesses anos e por despertarem em mim o desejo constante de aprender e me aprofundar na educação. Agradeço tanto à banca de qualificação - composta pelos professores doutores Jocnilson

Ribeiro dos Santos (presidente da banca e orientador), Máisa Ramos Pereira (examinadora externa), Thaysa Mércia Damaceno (examinadora interna), Rafael Borges Ribeiro dos Santos (examinador suplente externo), Adriana Dalla Vecchia (examinadora interna) -, quanto à banca de defesa - composta pelos professores doutores Jocenilson Ribeiro dos Santos (presidente da banca e orientador), Máisa Ramos Pereira (examinadora externa), Ilzver de Matos Oliveira (examinador interno), Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno (examinadora suplente interna), Rafael Borges Ribeiro dos Santos (examinador suplente externo) - pelos direcionamentos acadêmicos.

Agradeço à Capes pelo financiamento desta pesquisa, com duração de um ano. A bolsa foi fundamental para a minha subsistência (alimentação, moradia em Aracaju, vestuário e saúde) e para a continuidade dos meus estudos. Sem ela, eu não teria conseguido chegar até aqui e apresentar os avanços desta pesquisa. O apoio financeiro me possibilitou participar presencialmente de eventos que contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho, como o Seminário de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (Seplev), ocorrido entre os dias 3 e 5 de setembro na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA, e o Colóquio Internacional de Análise do Discurso (CIAD), realizado entre os dias 18 e 20 do mesmo mês na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos-SP. Em ambos os eventos, realizamos apresentações orais, o que nos proporcionou diálogos com pesquisadores de diferentes lugares do Brasil e nos levou a rever partes desta dissertação, como seu objeto, objetivos, *corpus*, base teórico-metodológica e pergunta de pesquisa.

Agradeço ao ImaGine (Laboratório de Estudos de Discurso, História e Estrangeiridades), grupo de pesquisa coordenado pelo meu orientador e composto por colegas que me deram muito apoio nesta jornada, como João Paulo Batista, Cristiana Soares, Esther Yuri, Joésia Barreto e Elislane Goes, por me permitir acessar lugares e pessoas que jamais imaginei que fossem possíveis.

Agradeço aos meus professores da Educação Básica, da graduação e do mestrado, representados aqui pela Professora Maria do Amparo da Silva Correia, minha amada mãe e professora de Português do Ensino Fundamental II; pela Professora Thaysa Mércia Damaceno, minha orientadora do PIBIC e da Residência Pedagógica, professora de disciplinas que cursei no mestrado e uma das minhas maiores inspirações como mulher e educadora; pelo Professor Wilton James Bernardo dos Santos, meu professor do PIBID;

e pela Professora Flávia Ferreira da Silva Rocha, minha professora e amiga, que nunca me abandonou.

SANTOS, Maria Graziela Correia dos. **Da intolerância religiosa ao racismo religioso: uma análise discursiva de notícias da mídia sergipana sobre a hostilidade aos povos de terreiro.** 2025, 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – concentração em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo os enunciados que constituem o discurso midiático da TV Atalaia, mobilizados para reportar notícias sobre racismo religioso e intolerância religiosa em Sergipe. O objetivo geral da pesquisa foi compreender as escolhas enunciativas do veículo e suas possíveis regularidades ao abordar as violências dirigidas aos povos de terreiro. Os objetivos específicos foram: a) levantar os enunciados antagônicos ou de resistência/contrários/ofensivos aos povos de terreiro nas notícias da TV Atalaia; b) identificar as regularidades discursivas que podem implicar a supressão das violências destinadas aos ritos de religiões de matriz africana; c) analisar os enunciados que se baseiam apenas na verdade cristã para validar ou invalidar a verdade das religiões de matriz africana; e d) identificar os enunciados de resistência dos sujeitos (repórteres, entrevistados, apresentadores) ao racismo contra as religiões de matriz africana. O *corpus* da pesquisa é constituído de dez notícias disponibilizadas no canal do *YouTube* da emissora, postadas entre 2018 e 2023. Apesar de as notícias terem sido televisionadas, a escolha de analisá-las através da plataforma digital advém da facilidade da disponibilidade de todo o material, ou seja, é possível baixá-las e acessá-las mais de uma vez. As análises foram realizadas com base no aporte teórico-metodológico da análise do discurso, especificamente na arqueogenealogia foucaultiana (1969, 1971, 1994), além de conceitos como racismo religioso e intolerância religiosa, discutidos por autores como Nogueira (2020), Silva Júnior (2021) e Gigio (2023). O conceito de racismo foi abordado a partir de Munanga (2010) e Santos (2022), enquanto as noções de hostilidade e hospitalidade foram mobilizadas a partir de Derrida (2003). Por fim, o conceito de midiatização foi trabalhado com base em Hjarvard (2014). A pesquisa buscou responder à seguinte pergunta: como a TV Atalaia mobiliza discursos ao reportar o racismo religioso? Entre os resultados, constatou-se que a mídia sergipana utiliza dizeres que revelam desconhecimento sobre as religiões de matriz africana, o que resulta na supressão das divindades dessas religiões em favor da figura de um deus cristão.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; mídia; intolerância religiosa; racismo religioso; arqueogenealogia foucaultiana.

SANTOS, Maria Graziela Correia dos. **From Religious Intolerance to Religious Racism: A Discursive Analysis of Sergipe's Media News on Hostility Towards Terreiro Communities**. 2025, 116 f. Dissertation (Master's in Literature) – concentration in Linguistic Studies, Federal University of Sergipe, São Cristóvão, 2024.

## ABSTRACT

This study focuses on the statements that constitute the media discourse of TV Atalaia, mobilized to report news about religious racism and religious intolerance in Sergipe. The general objective of the research was to understand the enunciative choices made by the broadcaster and their possible regularities when addressing violence directed at terreiro communities. The specific objectives were: a) to identify antagonistic or resistant/contrary/offensive statements towards terreiro communities in TV Atalaia's news; b) to identify discursive regularities that may imply the suppression of violence directed at the rituals of African-derived religions; c) to analyze statements based solely on Christian truth to validate or invalidate the truth of African-derived religions; and d) to identify resistant statements by subjects (reporters, interviewees, presenters) against racism towards African-derived religions. The research corpus consists of ten news reports available on the broadcaster's YouTube channel, posted between 2018 and 2023. Although the news was televised, the choice to analyze it through the digital platform comes from the ease of availability of the materials, that is, it is possible to download them and access them more than once. The analyses were conducted based on the theoretical-methodological framework of discourse analysis, specifically Foucaultian archeogenealogy (1969, 1971, 1994), along with concepts such as religious racism and religious intolerance, discussed by authors like Nogueira (2020), Silva Júnior (2021), and Gigio (2023). The concept of racism was addressed based on Munanga (2010) and Santos (2022), while the notions of hostility and hospitality were mobilized from Derrida (2003). Finally, the concept of mediatization was examined based on Hjarvard (2014). The research sought to answer the following question: how does TV Atalaia mobilize discourses when reporting on religious racism? Among the findings, it was observed that Sergipe's media employs statements that reveal a lack of understanding about African-derived religions, resulting in the suppression of the deities of these religions in favor of the figure of a Christian god.

**Keywords:** discourse studies; media; religious intolerance; religious racism; Foucauldian archeogenealogy.

SANTOS, Maria Graziela Correia dos. **De la intolerancia religiosa al racismo religioso: un análisis discursivo de noticias de los medios sergipanos sobre la hostilidad hacia los pueblos de terreiro**. 2025, 116 f. Disertación (Maestría en Letras) – concentración en Estudios Lingüísticos, Universidad Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objeto de estudio los enunciados que constituyen el discurso mediático de TV Atalaia, movilizados para reportar noticias sobre el racismo religioso y la intolerancia religiosa en Sergipe. El objetivo general de la investigación fue comprender las elecciones enunciativas del medio y sus posibles regularidades al abordar las violencias dirigidas hacia los pueblos de terreiro. Los objetivos específicos fueron: a) identificar los enunciados antagónicos o de resistencia/contrarios/ofensivos hacia los pueblos de terreiro en las noticias de TV Atalaia; b) identificar las regularidades discursivas que pueden implicar la supresión de las violencias dirigidas a los ritos de religiones de matriz africana; c) analizar los enunciados que se basan únicamente en la verdad cristiana para validar o invalidar la verdad de las religiones de matriz africana; y d) identificar los enunciados de resistencia de los sujetos (reporteros, entrevistados, presentadores) contra el racismo hacia las religiones de matriz africana. El corpus de la investigación está compuesto por diez noticias disponibles en el canal de YouTube de la emisora, publicadas entre 2018 y 2023. Si bien la noticia fue televisada, la elección de analizarla a través de la plataforma digital surge de la facilidad de disponibilidad de todo el material, es decir, es posible descargarlo y acceder a él más de una vez. Los análisis se llevaron a cabo con base en el enfoque teórico-metodológico del análisis del discurso, específicamente en la arqueogenealogía foucaultiana (1969, 1971, 1994), además de conceptos como racismo religioso e intolerancia religiosa, discutidos por autores como Nogueira (2020), Silva Júnior (2021) y Gigio (2023). El concepto de racismo fue abordado a partir de Munanga (2010) y Santos (2022), mientras que las nociones de hostilidad y hospitalidad fueron movilizadas a partir de Derrida (2003). Finalmente, el concepto de mediatización se trabajó con base en Hjarvard (2014). La investigación buscó responder la siguiente pregunta: ¿cómo moviliza discursos TV Atalaia al reportar el racismo religioso? Entre los resultados, se constató que los medios sergipanos utilizan enunciados que revelan desconocimiento sobre las religiones de matriz africana, lo que resulta en la supresión de las divinidades de estas religiones en favor de la figura de un dios cristiano.

**Palabras clave:** Análisis del Discurso; televisivos; intolerancia religiosa; racismo religioso; arqueogenealogía foucaultiana.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ACD** – Análise Crítica do Discurso

**AD** – Análise do Discurso

**ADCF** – Análise do Discurso Crítica Feminista

**ADF** – Análise do Discurso Francesa

**ASD** – Análise Semiótica do Discurso

**CEERT** – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e da Desigualdade

**CTTro** – Comunidades Tradicionais de Terreiro

**ED** – Estudos do Discurso

**IML** – Instituto Médico Legal

**Intecab** – Instituto Nacional de Tradição e Cultura Afrobrasileira

**IURD** – Igreja Universal do Reino de Deus

**MPF** – Ministério Público Federal

**OAB** – Ordem dos Advogados do Brasil

**IJSUD** – Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
<b>CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DE UMA ARQUEOGENEALOGIA FOUCAULTIANA.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.23</b>
1.1 A descontinuidade histórica e relação entre a arqueologia e a genealogia .....	25
1.2 O discurso como base para a construção do arquivo .....	29
1.3 A vontade de verdade e as formas de poder .....	33
<b>CAPÍTULO II - RACISMO, INTOLERÂNCIA E HOSTILIDADE À FÉ DE DESCENDÊNCIA AFRICANA .....</b>	<b>38</b>
2.1 Os brancos e as violências aos povos de origem africana .....	39
2.2 O discurso racista no Brasil contemporâneo .....	44
2.3 O racismo como raiz da intolerância e hostilidade àscrenças negras .....	46
<b>CAPÍTULO III - O PODER DA MÍDIA PENTECOSTAL E NEOPETENCOSTAL .....</b>	<b>51</b>
3.1 A mídia evangélica .....	53
3.2 A midiaticização e as religiões de matriz africana .....	59
<b>CAPÍTULO IV - AS NOTÍCIAS DA MÍDIA SERGIPANA SOBRE A HOSTILIDADE AOS POVOS DE TERREIRO .....</b>	<b>66</b>
4.1 “Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa” .....	67
4.2 “Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade” .....	Erro! Indicador não definido.71
4.3 “Polícia investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade” .....	82
4.4 “Intolerância religiosa no bairro Soledade” .....	76
4.5 “Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade” .....	79
4.6 “Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes” .....	81
4.7 “Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade” .....	83
4.8 “Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa” .....	85
4.9 “Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições” ....	87
4.10 “Combate ao racismo discriminação e intolerância religiosa” .....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>101</b>

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> <i>O descobrimento do Brasil</i> - Cândido Portinari.....	40
<b>Imagem 2:</b> Reportagem de 1918 da gazeta: “O ‘candomblé’ do Souza visitado pela polícia” .	60
<b>Imagem 3:</b> Reportagem do Diário da Tarde de 1930: “Guerra à macumba”:	61
<b>Imagem 4:</b> Reportagem do Diário do Paraná de 1955: “Macumba praticada abertamente em vários bairros da capital”:	70
<b>Imagem 5:</b> “Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa”.....	101
<b>Imagem 6:</b> “Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade” .....	102
<b>Imagem 7:</b> “Polícia investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade” .....	103
<b>Imagem 8:</b> “Intolerância religiosa no bairro Soledade” .....	104
<b>Imagem 9:</b> Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade .....	105
<b>Imagem 10:</b> “Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes”.....	106
<b>Imagem 11:</b> Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade .....	107
<b>Imagem 12:</b> “Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa”.....	108
<b>Imagem 13:</b> “Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições” .....	109
<b>Imagem 14:</b> “Combate ao racismo discriminação e intolerância religiosa” .....	110



## INTRODUÇÃO

Entre as diversas manifestações religiosas brasileiras, encontram-se as que pertencem ao núcleo cristão, como as igrejas evangélicas e católicas, e as religiões de matriz africana, como o candomblé, o terecô, a umbanda, o tambor de Mina e a quimbanda. Além das diferenças entre ritos e crenças, há ainda uma distinção que as afeta desde a catequização colonial: a hegemonia cristã em relação às demais.

Nogueira (2020) define a catequização europeia como uma estratégia de manutenção de poder que estigmatiza e invalida a identidade do outro, tendo como base a fé cristã. Assim, as tentativas de apagamento cultural empreendidas pela Igreja, visando à conversão dos povos de origem africana, deixaram marcas que perduram até os dias atuais, como o racismo religioso. Embora os jesuítas não desempenhem mais o papel de catequizar aqueles com crenças diferentes das cristãs, outros meios o fazem, como, por exemplo, a mídia evangélica.

Um exemplo disso é a denúncia feita em 2004 pelo Ministério Público Federal (MPF), em conjunto com o Instituto Nacional de Tradição e Cultura Afrobrasileira (Intecab) e o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e da Desigualdade (CEERT), em virtude da demonização das religiões de matriz africana no programa *Mistérios* e no quadro “Sessão de Descarrego”, televisionados pela TV Record. Segundo o *site* Mundo Negro<sup>1</sup>, em 2018, após 14 anos do ocorrido, a justiça determinou que a TV Record, como forma de reparação, exibisse 16 horas de programação sobre as religiões de matriz africana, sem demonizá-las. A sentença foi cumprida, e os programas informativos começaram a ser veiculados a partir de julho de 2019, de acordo com o *site* Tudorondonia<sup>2</sup>.

Essa visão midiática preconceituosa pós-Constituição Federal de 1988, porém, não começa em 2000. Em 1997, quase dez anos após o Brasil se estabelecer formalmente

---

<sup>1</sup> SOUZA, L. G. de. Record é condenada a exibir programas de religiões de matriz africana em horário nobre. *Mundo Negro*, 2018. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/ppopulacoes-de-matrizes-africanas-vencem-por-unanimidade-acao-contra-rede-record/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

<sup>2</sup> Acordo garante veiculação de programas com direito de resposta das religiões afro-brasileiras na Record News. *Tudorondonia.com Jornal Eletrônico Independente*, 2019. Disponível em: <https://tudorondonia.com/noticias/acordo-garante-veiculacao-de-programas-com-direito-de-resposta-das-religioes-afro-brasileiras-na-record-news,33533.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2024.

como um Estado laico, desfazendo-se da Igreja como sua representante oficial — conforme o inciso I do art. 19 da Constituição Federal, que veda à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público (Capez, 2023) —, o pastor Edir Macedo lançou a primeira edição de seu livro *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Apesar da interrogação no subtítulo, Macedo (1997) afirma, já na introdução, que orixás, caboclos e guias não são deuses, mas sim espíritos malignos. O livro, mesmo demonizando as crenças de matriz africana, continua circulando e é considerado um *best-seller* no Brasil.

Outro caso relevante é o de Gildásia dos Santos, mãe de santo que, em 1999, segundo Oliveira (2014), teve sua imagem exposta pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A IURD distribuiu gratuitamente, na época, mais de 1.372.000 exemplares de uma publicação com a foto da yalorixá, com uma tarja preta sobre os olhos e o título “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes”. Em 2000, Mãe Gilda, tendo perdido a credibilidade de muitos de seus filhos de santo e da comunidade local, que acreditavam que ela havia mudado de crença e estava pregando contra sua própria religião, sofreu um infarto e faleceu.

Os exemplos citados apresentam características semelhantes que não podem ser ignoradas e que vão além do racismo religioso explícito: o meio de propagação dessas violências, que é a mídia neopentecostal da IURD. Edir Macedo, fundador e proprietário da IURD, comprou a TV Record em 1989, segundo Félix e Santi (2018), e passou a exibir programas religiosos na emissora. A própria Igreja Universal é considerada um grande veículo de comunicação que, de acordo com Mariano (1999), visa a proporcionar uma sensação de bem-estar físico e espiritual, principalmente aos telespectadores em situação de vulnerabilidade. Félix e Santi (2018) destacam ainda que essa mídia se divide em eletrônica (*websites*, emissoras de rádio e TV) e impressa (revistas — como *Plenitude* —, jornais — *Correio do Povo*, *Folha Universal*, *Hoje em Dia* — e editora — Unipro).

Este trabalho se concentra na mídia eletrônica da IURD, visto que a TV Atalaia, afiliada à TV Record desde 2006, segundo o *website* da própria emissora sergipana<sup>3</sup>, é

---

<sup>3</sup> Quem somos. TV Atalaia, Sergipe (SE), s.d. Disponível em: <https://a8se.com/quem-somos/>. Acesso: 02/04/2025.

uma de suas emissoras. Uma das motivações para esta pesquisa reside no fato de que a TV Atalaia publica, em seu canal do *YouTube*, notícias sobre racismo religioso e intolerância religiosa, o que nos levou ao seguinte questionamento:

1. Quais os discursos mobilizados pela TV Atalaia ao reportar o racismo religioso?

A pergunta gerou duas hipóteses:

**Hipótese 1:** A TV Atalaia demonstra interesse em abordar o racismo e a intolerância religiosa, mas ainda mobiliza um discurso cristão que marginaliza as religiões de matriz africana. Nessa perspectiva, repórteres e apresentadores utilizam desse discurso ao reportar essas notícias, empregando sintagmas e enunciados que reforçam valores neopentecostais.

**Hipótese 2:** Embora raramente apresente referências cristãs explícitas ao reportar notícias sobre racismo e intolerância religiosa, a TV Atalaia segue um roteiro padronizado (apresentação da temática de forma expositiva, com pouca análise crítica), o que torna as notícias e reportagens sobre esses temas muito semelhantes. Esse padrão revela, por um lado, uma abordagem engessada dessas questões, indicando falta de aprofundamento e diversidade nas coberturas. Por outro lado, sugere um receio de abordar o tema de forma controversa. Esse receio pode levar a uma cobertura superficial e repetitiva, que evita o enfrentamento eficaz dos preconceitos religiosos. Assim, a emissora demonstra certa resistência em tratar o tema de forma crítica e profunda, preferindo uma abordagem mais segura e conservadora.

No decorrer das análises, percebemos que ambas as hipóteses se complementam, embora parcialmente. Os resultados serão detalhados nas considerações finais deste trabalho, que tem como objeto de estudo os enunciados que constituem o discurso midiático da TV Atalaia, mobilizados para reportar notícias sobre racismo religioso e intolerância religiosa e em Sergipe. Antes de apresentar o *corpus*, destacamos que, além da justificativa mencionada, é relevante considerar a ausência de pesquisas sobre esse objeto no banco de dissertações e teses do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

---

Entre os trabalhos do PPGL, encontramos apenas um com relação, ainda que geral, às religiões de matriz africana: a dissertação de Santos E. (2022), intitulada *Nós falaremos por nós: uma encruzilhada autoetnográfica sobre a construção da identidade negra a partir das comunidades tradicionais de terreiro*. O autor se propõe a identificar as contribuições das Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTs) para a construção da identidade negra, trazendo considerações sobre o racismo, que serão utilizadas no Capítulo 2 deste trabalho.

O *corpus* desta pesquisa é composto por dez notícias disponibilizadas no canal do *YouTube* da TV Atalaia, intituladas: 1) “Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa”<sup>4</sup>; 2) “Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade”<sup>5</sup>; 3) “Polícia investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade”<sup>6</sup>; 4) “Intolerância religiosa no bairro Soledade”<sup>6</sup>; 5) “Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade”<sup>7</sup>; 6) “Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes”<sup>8</sup>; 7) “Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade”<sup>9</sup>; 8) “Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa”<sup>10</sup>; 9) “Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições”<sup>11</sup>; 10) “Combate ao racismo, discriminação e intolerância religiosa”<sup>12</sup>.

Quanto aos objetivos, destaca-se, primeiramente, o geral: compreender as escolhas enunciativas da TV Atalaia e suas regularidades ao reportar notícias sobre violências dirigidas a adeptos de religiões de matriz africana. Em seguida, os objetivos específicos foram: a) levantar enunciados antagônicos ou de

<sup>4</sup> TV ATALAIA. Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/joyrPsgJ6JM?feature=shared>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<sup>5</sup> TV ATALAIA. Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/j4IVFyYK2gk?si=vD3syhdzWgrxXrSw>. Acesso: 25 jul. 2024.

<sup>6</sup> TV ATALAIA. Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/j4IVFyYK2gk?si=vD3syhdzWgrxXrSw>. Acesso: 25 jul. 2024.

<sup>7</sup> TV ATALAIA. Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade Cidade Alerta. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/naLTNioFMJA?si=YAVnya9xk1tN2605>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<sup>8</sup> TV ATALAIA. Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/8qNj5jZP9ZM?si=Y8AskKt302w9S0cN>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<sup>9</sup> TV ATALAIA. Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/eeMKhfugME?si=3Z23zGMlqKekclTI>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<sup>10</sup> TV ATALAIA. Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa. *YouTube*, 2020. Disponível em: [https://youtu.be/o4TK9iYkz\\_w?feature=shared](https://youtu.be/o4TK9iYkz_w?feature=shared). Acesso em: 23 abr. 2024

<sup>11</sup> TV ATALAIA. Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições. *YouTube*, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/iQXg7jJ4UIs?si=libudxqiWowuSOyK>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<sup>12</sup> TV ATALAIA. Combate ao racismo, discriminação e intolerância religiosa. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/tP9QfAKkKaY?si=2Xr93R2sCvuZXnmw>. Acesso em: 25 jul. 2024.

resistência/contrários/ofensivos aos povos de terreiro nas notícias da TV Atalaia; b) identificar as regularidades discursivas que podem implicar a supressão das violências destinadas aos ritos de religiões de matriz africana; c) analisar os enunciados que se baseiam apenas na verdade cristã para validar ou invalidar a verdade das religiões de matriz africana; e d) identificar os enunciados de resistência dos sujeitos (repórteres, entrevistados, apresentadores) ao racismo contra as religiões de matriz africana.

Antes de apresentar nossa última motivação e o que será discutido em cada seção dos capítulos seguintes, ressaltamos que nosso objeto de estudo é inédito, não apenas no PPGL. Até 28/12/2024, não encontramos monografias, dissertações, teses ou outros trabalhos (artigos, resumos, etc.) que abordassem os enunciados que constituem o discurso midiático da TV Atalaia em notícias sobre racismo religioso e intolerância religiosa. Por isso, os quadros a seguir apresentam trabalhos que guardam alguma similaridade com a temática ou que desenvolvem conceitos a serem trabalhados neste estudo. As buscas foram realizadas no Repositório de Dissertações e Teses da UFS, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e no Google Acadêmico.

Nos trabalhos encontrados no Repositório de Dissertações e Teses da UFS, a partir das palavras-chave “mídia, religiões de matriz africana, TV Atalaia”, encontramos 49 resultados, mas apenas duas pesquisas semelhantes: 1) A dissertação “*Um ‘Alarido’ Neopentecostal: Transversalidade e resignificação na Igreja Universal do Reino de Deus*” (Bonfim, 2008), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS, analisa as violências da IURD, como mídia eletrônica, contra as religiões afro-brasileiras.

2) A dissertação “*Da Terra para as Águas: Trajetória de José Augusto dos Santos – (1929-2006)*” (Santos, 2019), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFS, apresenta um estudo biográfico de José Augusto dos Santos (Zé D’Obakossô), importante babalorixá do século XX. O trabalho inclui considerações sobre a representação midiática de eventos conduzidos por sacerdotes de religiões afro-brasileiras.

Pesquisamos também pelas seguintes palavras-chave “Mídia, povos de terreiro, religiões de matriz africana, Sergipe” e, embora tenhamos encontrado 165 resultados, apenas quatro tinham relação com a temática:

1) A dissertação *“Xirê: troca, fluxo e circulação do axé como forma de manutenção da sociabilidade no candomblé”* (Rosa Júnior, 2018), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UFS, aborda a história do candomblé e do sincretismo religioso e conceitua termos como *axé*, *yalorixá* e *babalorixá*.

2) A monografia *“Disseminação da Informação no Combate à Intolerância Religiosa: um Estudo Exploratório”* (Conceição, 2022), apresentada ao Departamento de Ciência da Informação da UFS, discute conceitos como intolerância religiosa, candomblé e umbanda, temas relevantes para a presente pesquisa.

3) A monografia *“Disseminação da Informação no Combate à Intolerância Religiosa: um Estudo Exploratório”* (Conceição, 2022), apresentada ao Departamento de Ciência da Informação da UFS, discute conceitos como intolerância religiosa, candomblé e umbanda, temas relevantes para a presente pesquisa.

4) A dissertação *“O Papel das Redes Sociais na Luta Contra a Intolerância Afro-religiosa no Brasil”* (Rosa, 2022), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da UFS, conceitua racismo e diferencia racismo religioso de intolerância religiosa.

No Repositório da Capes, a partir das palavras-chave “Mídia, religiões de matriz africana, TV Atalaia”, encontramos 49 resultados, mas apenas dois relacionados à temática:

1) A dissertação *“Um ‘Alarido’ Neopentecostal: Transversalidade e ressignificação na Igreja Universal do Reino de Deus”* (Bonfim, 2008), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS, analisa as violências da IURD, como mídia eletrônica, contra as religiões afro-brasileiras.

2) A dissertação *“Da Terra para as Águas: Trajetória de José Augusto dos Santos – (1929-2006)”* (Santos, 2019), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFS, apresenta um estudo biográfico de José Augusto dos Santos (Zé D’Obakossô), importante *babalorixá* do século XX. O trabalho inclui considerações sobre a representação midiática de eventos conduzidos por sacerdotes de religiões afro-brasileiras.

Os resultados do Google Acadêmico foram quantitativamente mais extensos que os dos repositórios consultados anteriormente. Contudo, a maioria dos trabalhos retornados não se relacionava diretamente ao objeto de estudo ou à temática desta pesquisa. Por essa razão, as palavras-chave foram agrupadas de forma diferente dos repositórios anteriores.

A partir das palavras-chave “mídia, intolerância religiosa, racismo religioso, TV Atalaia”, dentre os 46 resultados que encontramos, apenas um tinha relação com a temática:

- 1) A dissertação “*Candomblé na Cidade de Aracaju: Território, Espaço Urbano e Poder Público*” (Souza Filho, 2010), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, analisa os terreiros de candomblé de Aracaju como possíveis interventores no espaço urbano da cidade.

Para compreender o andamento da temática nos meios discursivos, partimos também de uma pesquisa feita no Google Acadêmico, a qual nos trouxe 2000 resultados, já que, nos outros repositórios, não tivemos resultados significativos. Dito isso, destacam-se:

- 1) A dissertação “*O Dano Moral Decorrente da Ofensa à liberdade Religiosa dos Adeptos das Religiões de Matriz Africana*” (Corrêa, 2008), apresentada no Programa de Pós-graduação em Direito na Universidade Federal da Bahia, que analisa os ataques de religiões evangélicas às de matriz africana, utilizando o conceito de poder de Foucault.

- 2) O artigo “*Racismo e Intolerância Religiosa: Representações do Xangô nos jornais de Maceió entre 1905 e 1940*” (Pacheco, 2015), publicado na Revista Sankofa, que apresenta um estudo crítico sobre a representação de Xangô na mídia impressa de Maceió entre 1905 e 1940.

- 3) A dissertação “*A Gente não Tem nosso Canto, não Tem um Lugar’*: Práticas Discursivas sobre a Assistência Religiosa de Matriz Africana no Cárcere” (Gomes, 2018), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, que estuda a hegemonia cristã e a exclusão dos cultos afro-brasileiros em três unidades prisionais de Salvador, utilizando as teorias de Foucault em *Vigiar e Punir* e *A*

### *Arqueologia do Saber.*

A motivação para esta pesquisa também provém de experiências pessoais. Antes de ingressarmos no mestrado, já éramos filhos de santo do *Ilé Asé Aloroke Bábá Ajagunan*, terreiro de candomblé *Ketu* localizado em São Cristóvão, Sergipe, liderado pelo Babalorixá Juracy de Arimatéia Rosa Júnior (Pai Juracy). A partir de nossa vivência religiosa, com as vestes brancas que vestimos às sextas-feiras e sábados, passamos a sentir a realidade do racismo religioso.

As violências verbais que sofremos em espaços públicos desde 2018, ano em que efetivamente ingressamos no candomblé, motivaram-nos a pesquisar a diferença entre racismo religioso e intolerância religiosa e a buscar formas legais de proteção, como as leis que garantem a liberdade de crença na Constituição Federal. Embora o conhecimento dessas informações não garanta o pleno exercício desse direito na prática, ele fortalece um discurso de resistência, cultivado por nossos ancestrais desde o Brasil Colonial, como discutiremos no Capítulo 2.

Este estudo, com sua linguagem formal e científica, busca também contribuir para o fortalecimento do discurso dos povos de terreiro contra o racismo religioso, assim como os trabalhos de Pai Juracy (Rosa Júnior, 2018) “*Xirê: troca, fluxo e circulação do axé como forma de manutenção da sociabilidade no candomblé*”, de Pai Sidney de Xangô (Nogueira, 2020) *Intolerância Religiosa* e de Erikson Santos (Santos, 2022) “*Nós falaremos por nós: uma encruzilhada autoetnográfica sobre a construção da identidade negra a partir das comunidades tradicionais de terreiro*”. Esses estudos foram fundamentais para nossa imersão acadêmica na temática do racismo religioso.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa-interpretativa, fundamenta-se teórica e metodologicamente na Análise do Discurso de linha francesa, especificamente nos estudos discursivos de Foucault (1969, 1971, 1994). O primeiro capítulo abordará conceitos como discurso, enunciado, descontinuidade histórica, poder, formação discursiva, poder pastoral e vontade de verdade, com base em autores como Gregolin (2001, 2005, 2007), Sá (2011, 2020), Veyne (2011), Santos (2015), Sargentini (2019, 2020, 2022), Braga (2020) e Navarro (2022). Além disso, discutiremos o conceito de hospitalidade em Derrida (2003), a partir das contribuições de Nagamine e Natividade (2017) e Ribeiro (2021).

O segundo capítulo abordará os conceitos de racismo religioso e intolerância religiosa (Nogueira, 2020; Gigio, 2023) e de racismo (Munanga, 2010; Santos E., 2022), além de apresentar recortes históricos relacionados a esses conceitos, com base em estudos sobre as violências sofridas por negros e povos originários no período colonial (Bastide, 1971; Baniwa, 2022; Santos Y., 2022).

O terceiro capítulo desenvolverá o conceito de midiaticização (Hjarvard, 2014), considerando a influência da mídia evangélica na sociedade (Bellotti, 2007, 2009; Mariano, 2008; Pereira, 2008; Fonseca, 2010) e a visão midiática brasileira sobre as religiões afro-brasileiras no século XX (Oliveira, 2014).

O quarto capítulo será dedicado à análise do *corpus* da pesquisa. Trechos das notícias, organizadas em ordem crescente de data de publicação no canal do *YouTube* da TV Atalaia, serão transcritos e analisados segundo os seguintes critérios: possíveis regularidades enunciativas, escolhas de enunciados racistas, intolerantes ou contraditórios e informações contextuais relevantes para a compreensão das notícias.

## CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DE UMA ARQUEOGENEALOGIA FOUCAULTIANA

Em 1960, em meio à crise econômica<sup>13</sup> e ao consequente desemprego, a França viu emergir um novo objeto de estudo: o discurso. Esse movimento sucedeu o estruturalismo, corrente de pensamento marcada pela publicação de *Cours de Linguistique Générale* (CLG) em 1916, por Charles Bally e Albert Sechehaye, discípulos de Ferdinand de Saussure. A obra, baseada em anotações de aulas de Saussure, apresentava a língua como objeto de estudo sincrônico e sistemático, situado nos eixos sintagmático e paradigmático. Segundo Gregolin (2022), em entrevista a Navarro e Sargentini para a *Revista da Anpoll*, embora a centralidade do discurso nas Ciências Humanas já fosse discutida na década de 1950, o ano de 1960 foi decisivo para a disseminação do conceito de discurso e de outros correlatos, como ideologia, formação discursiva e enunciado (Navarro; Sargentini, 2022).

Michel Foucault, através da *A Arqueologia do Saber* (1969), foi um dos estudiosos que apostou no desenvolvimento desse conceito. O filósofo entende o discurso como dispositivo de relações que estereotipa os indivíduos por meio da relação saber-poder, visão que será extremamente importante para esta pesquisa. Considerando que abordaremos minorias afrodescendentes, que ainda sofrem violências decorrentes da demonização de seus deuses e ritos por religiões cristãs hegemônicas no Brasil, a perspectiva foucaultiana mostra-se mais adequada para a análise do *corpus*.

A trajetória intelectual de Foucault revela uma progressão teórica. Após a ampla abordagem histórica em *As Palavras e as Coisas* (1966), *A Arqueologia do Saber* (1969) aprofunda a dimensão histórica da análise. Da mesma forma, a *Ordem do Discurso* (1971) complementa os estudos anteriores sobre o discurso, considerando detalhadamente sua produção e os mecanismos de exclusão que o afetam. Além disso, *História da Loucura* (1961) e *Vigiar e Punir* (1975) abordam os corpos submetidos ao poder institucional. Em *História da Loucura*, Foucault analisa como a Medicina define o discurso dos loucos, enquanto em *Vigiar e Punir* examina a manipulação dos corpos de presidiários pelo

---

<sup>13</sup> Ver da página 213 a 214 de SANTOS, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). Estudos do discurso: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

governo, por meio de torturas físicas e psicológicas, visando à "disciplina" em nome do "bem" social.

As próximas seções deste capítulo seguirão uma lógica semelhante à progressão teórica observada em Foucault, apresentando inicialmente conceitos foucaultianos e, posteriormente, aplicando-os à temática e ao objeto de estudo desta pesquisa. Por exemplo, após a apresentação dos conceitos de descontinuidade histórica e arquivo, o próximo capítulo abordará recortes históricos relacionados às tentativas de apagamento cultural dos povos africanos.

Em relação aos objetivos específicos deste trabalho, o primeiro<sup>14</sup> e o quarto<sup>15</sup> objetivos serão abordados por meio do conceito de discurso, com base principalmente em *A Ordem do Discurso* e *A Arqueologia do Saber*. Além da produção, formação e distribuição do discurso, serão analisadas suas regularidades — conceito-chave no segundo<sup>16</sup> objetivo específico, que relaciona discurso e enunciado. O conceito de enunciado, que é fundamental para esta pesquisa e será desenvolvido a partir das considerações de Foucault em *A Arqueologia do Saber* (1969); e o conceito de vontade de verdade, que será apresentado na terceira seção deste capítulo, com base em Foucault (1971), compõe o terceiro<sup>17</sup> objetivo específico.

Finalmente, outros conceitos, embora não explicitamente mencionados nos objetivos específicos, também serão aprofundados, como poder pastoral e arquivo. O conceito de poder pastoral, baseado em *Ditos e Escritos* (Foucault, 1975), será utilizado para compreender a manutenção da hegemonia cristã no Brasil em relação às religiões afro-brasileiras. O conceito de arquivo, com base em *A Arqueologia do Saber*, será fundamental para a análise do racismo religioso por meio da seleção, relação e organização de recortes históricos que demonstram sua fundamentação nas violências contra povos africanos e seus descendentes.

---

<sup>14</sup> Levantar os enunciados antagônicos ou de resistência/contrários/ofensivos aos povos de terreiro nas notícias da TV Atalaia.

<sup>15</sup> Identificar os enunciados de resistência dos sujeitos (repórteres, entrevistados, apresentadores) ao racismo contra as religiões de matriz africana.

<sup>16</sup> Identificar as regularidades discursivas que podem implicar na supressão das violências destinadas aos ritos de religiões de matriz africana.

<sup>17</sup> Analisar os enunciados que se baseiam apenas de verdade cristã para validar ou invalidar a verdade das religiões de matriz africana.

## 1.1 A DESCONTINUIDADE HISTÓRICA E A RELAÇÃO ENTRE A ARQUEOLOGIA E A GENEALOGIA

Ao comparar as obras de Foucault, nota-se que a arqueogenealogia, embora não tenha sido explicitamente apresentada em *A Arqueologia do Saber* (1969), já se manifesta nessa obra com uma ênfase conceitual no discurso mais acentuada do que em *História da Loucura* (1961) e *As Palavras e as Coisas* (1966). *A Arqueologia do Saber*, portanto, nomeia e explica a formação sócio-histórica do discurso por meio de uma perspectiva arqueológica, desconstruindo a noção de histórias gerais e propondo uma visão fundamentada nas histórias das ideias.

Foucault problematiza a abordagem de historiadores que, ao analisarem períodos específicos, como o Brasil Colonial, buscam suas origens por meio de análises quantitativas ou de veracidade questionável. Para o filósofo, essa noção de continuidade histórica advém da visão apaixonada de historiadores e antropólogos que buscam incansavelmente vestígios do passado e a confirmação de sua própria existência.

Foucault vê as histórias, a ciência e a filosofia das ideias como marcos para romper com a homogeneidade, especialmente na historiografia, na medida em que buscam escapar da infinitude histórica. Essa nova perspectiva histórica valoriza estudos minuciosos que considerem séries, critérios, periodizações e sequências distintas de acontecimentos (Foucault, 1969), dificultando a manipulação histórica que visa manter determinados grupos em posição de superioridade. A possibilidade de versões históricas diversas, com perspectivas opostas, permite a transformação do discurso de poder e a revisão de visões ultrapassadas.

Comparando a metodologia das ciências das ideias com a das histórias gerais, percebe-se a interseção de dois eixos distintos. A história geral configura-se como um percurso linear e contínuo, que progride a partir de um único ponto de partida. Em contraste, as ciências das ideias, segundo Foucault (1969), não se restringem a um movimento uniforme ou a uma cronologia rígida. Elas partem de pontos específicos e se dirigem a rupturas, rompendo com a linearidade e os padrões cronológicos tradicionais para explorar transformações e descontinuidades.

A problemática, portanto, não reside em partir da origem — as histórias das ideias

também podem fazê-lo, e o próprio Foucault recorre a panoramas históricos em suas obras. A questão central é buscar diferentes perspectivas sobre essa origem, evitando a adesão a ideias engessadas, propagadas para empoderar cada vez mais grupos que já são hegemônicos.

Foucault identifica, entre as bases teóricas que contribuíram para a crítica às histórias gerais, as redistribuições recorrentes de Michel Serres, as unidades arquitetônicas dos sistemas de Martial Guérault, os atos e limiares epistemológicos de Gaston Bachelard e os deslocamentos e transformações dos conceitos e a distinção entre escalas micro e macroscópicas na história das ciências de Georges Canguilhem. Dentre elas, as unidades arquitetônicas dos sistemas são as que mais claramente definem o que é pertinente para a análise do discurso — “as coerências internas, as dos axiomas, das cadeias dedutivas e das compatibilidades” (Foucault, 1969, p. 5) — e o que não o é — “a descrição das influências, das tradições, das continuidades culturais” (Foucault, 1969, p. 5).

Considerando o Período Colonial sob a perspectiva da história geral, teríamos uma narrativa como: "Em 1500, heróis portugueses, bravamente enfrentando os mares em nome da pátria, descobriram terras inexploradas. Lá, encontraram povos que precisavam de um deus para serem salvos dos pecados e alcançar o reino dos céus, o que justificava a escravidão". É lógico pensar que a Coroa Portuguesa construiu um discurso racista para escravizar povos originários e, posteriormente, africanos, visando à consolidação de seu poder na colônia e à manutenção de sua hegemonia utilizando como estratégia a manipulação da sociedade através da fé cristã. Sob a ótica da análise do discurso e das histórias das ideias, no entanto, outras investigações seriam necessárias, examinando, por exemplo, o que, por quem e como foi dito determinada informação. Assim, não apenas a visão histórica eurocêntrica seria considerada, mas também as perspectivas das minorias, como os povos originários e africanos.

Foucault observa que, por décadas, os historiadores se dedicaram às "grandes bases imóveis e mudas que o emaranhado das narrativas tradicionais recobriria com toda uma densa camada de acontecimentos" (Foucault, 1969, p. 3). Isso ecoa a afirmação de Gregolin, em entrevista a Navarro e Sargentini (2022, p. 21), de que a história "é sempre feita mais de acasos do que de solos estáveis e de harmonias". Livros didáticos de História, por exemplo, costumavam enaltecer a princesa Isabel como libertadora

benevolente e complacente aos clamores dos escravizados, além de difundir a ideia falsa, segundo Santos Y. (2022), de que os povos originários foram substituídos por africanos na escravidão por serem preguiçosos. Dessa forma, os atos de resistência dos não brancos eram ofuscados pelos supostos "atos heroicos" daqueles que os oprimiam.

Conclui-se que os estudos históricos não devem mais se basear em uma única perspectiva. O historiador do discurso, como o define Veyne (2011), deve buscar a história de forma descontínua. Para Foucault, a descontinuidade "é, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de pesquisa, delimita o campo de que é o efeito, permite individualizar os domínios, mas só pode ser estabelecida através da comparação desses domínios" (Foucault, 1969, p. 10). As histórias geralmente têm múltiplas versões, incluindo aquelas que visam apenas ao benefício de quem as narra e aquelas que marginalizam as minorias. Considerando que, para Foucault, a descontinuidade permite transformar e renovar fundamentos antigos (Foucault, 1969), o limiar e a ruptura histórica tornam-se chave para reavaliar tradições que contribuem para o apagamento das minorias.

A descontinuidade histórica é fundamental para a arqueogenealogia, pois a articulação entre arqueologia e genealogia pressupõe a crítica de Foucault à história geral, à continuidade e à linearidade comprometidas por inverdades. A descontinuidade, desenvolvida na perspectiva da arqueologia, antecede formalmente a genealogia, como afirma Luiz (2023). No entanto, segundo o autor<sup>18</sup>, a virada genealógica, ocorrida entre *História da Loucura e O Poder Psiquiátrico* (1974) (Luiz, 2023), não abandona a ideia de descontinuidade.

Para Foucault, a arqueologia esteve historicamente oculta, descrita por ele como "disciplina dos monumentos mudos" (Foucault, 1969, p. 20) e estudo de "objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado" (Foucault, 1969, p. 20). Embora não fosse considerada inexistente, a arqueologia funcionava como uma ferramenta auxiliar da história. Um objeto só adquiria significado se a análise histórica o contextualizasse e lhe atribuísse "valor". Contemporaneamente, porém, segundo Foucault (1969), a arqueologia descreve detalhadamente os monumentos, incorporando a história como uma de suas funções. Essa inversão de papéis levou à substituição do conceito de documento pela relação entre monumento, arquivo e discurso. O discurso, entendido como prática que

---

<sup>18</sup> Ele usa como base para formular seu pensamento Dosse (1994, p. 281).

configura o arquivo ou o monumento, deve ser estudado, segundo a arqueologia foucaultiana, por meio da busca e do reconhecimento de sua extremidade e identidade.

A perspectiva arqueogenealógica, como apontam Navarro e Sargentini (2022), parte dessa relação mais ampla entre a arqueologia e a necessidade de compreender o discurso em sua profundidade. A história, por meio da arqueologia, desempenha papel crucial na busca por um entendimento amplo e crítico do discurso, essencial para a compreensão de outras histórias, em vez de sua invenção. Caso contrário, corre-se o risco de criar narrativas históricas baseadas em discursos limitados por grupos hegemônicos, que silenciam as vozes das minorias.

A relação entre arqueologia e genealogia pode ser compreendida a partir das considerações de Carvalho (2012) sobre a genealogia em Foucault. Segundo o autor, o filósofo baseou-se em Nietzsche, que via o “investimento genealógico como procedimento de fazer emergir as perspectivas distintas das que foram falsificadas pela própria cultura histórica” (Carvalho, 2012, p. 221). Buscar a história verdadeira é mais importante do que interpretações superficiais que podem criar cenários inexistentes. Na genealogia nietzschiana, a origem dos acontecimentos deve ser questionada, mas não descartada.

A árvore genealógica familiar, frequentemente utilizada na educação infantil, exemplifica essa reflexão. A atividade busca levar a criança a reconhecer suas origens por meio de colagens ou desenhos que representam a formação de sua família em ordem cronológica. No tronco, estão os ancestrais mais antigos (bisavós e avós); no meio, os intermediários (pais, mães, tios e tias); e, no topo, a criança e seus irmãos. Parte da origem familiar é revelada, mostrando as relações de parentesco. No entanto, a árvore não representa toda a ascendência familiar, sua infinitude, pois, sem um estudo aprofundado, não há como garantir a inclusão de todos os indivíduos que a compõem.

Assim, a arqueogenealogia considera a relação entre discurso e história inseparável. O estudo aprofundado dos discursos que permeiam uma sociedade é fundamental para a compreensão dos desfechos históricos. Os recortes históricos, por sua vez, não devem se basear em uma única fonte ou perspectiva, visando à aproximação máxima das narrativas verdadeiras.

## 1.2 O DISCURSO COMO BASE PARA A CONSTRUÇÃO DO ARQUIVO

Em sua aula no *Collège de France* (1970), eternizada em *A Ordem do Discurso*, Foucault argumenta que a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída, indicando que nenhum discurso é livre, ingênuo ou aleatório, mas sim marcado por relações de poder. Para o filósofo, o discurso não representa simplesmente um desejo, mas é o próprio objeto do desejo; não traduz apenas lutas ou sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual se luta, o poder que se busca (Foucault, 1971).

O discurso, portanto, não é um elemento secundário, mas sim o alicerce e a estrutura do querer individual, moldado por ideais e crenças. Isso não exclui a possibilidade de manipulação discursiva, mas sugere que ela é mais eficaz quando se baseia em ideias preexistentes. Assim, é plausível que um discurso midiático racista que demoniza as religiões afro-brasileiras encontre maior ressonância entre telespectadores cristãos.

Para Foucault, o discurso é constituído por enunciados, que transcendem as proposições e não se limitam à frase. Embora muitos enunciados se estruturam na forma frasal (sujeito + predicado), reduzi-los a essa estrutura equivaleria a tratar o discurso como um sistema fechado, semelhante à concepção saussuriana da língua. O enunciado, em termos gerais, é a unidade mínima do discurso, essencial para determinar a existência de uma frase, proposição ou ato de linguagem; para avaliar a correção, aceitabilidade e interpretabilidade de uma frase; e para julgar a legitimidade e a boa formação de uma proposição (Foucault, 1969).

Foucault (1969) adverte contra a interpretação do discurso como experiência ou prova de conhecimento, enfatizando a necessidade de questionar suas regras de formação. Esse questionamento deve se voltar para o locutor e o público-alvo, e o estudo do arquivo torna-se essencial para acessar a história em sua profundidade. A arqueologia foucaultiana, ao propor a descrição do arquivo, e não a formalização de um sistema ou a análise de relações causais entre eventos (Sargentini, 2019), rejeita o documento em seu sentido tradicional, criticando a noção de continuidade histórica e, conseqüentemente, a história geral. Foucault (1969) questiona a idoneidade das informações contidas nos documentos, aspecto frequentemente negligenciado pela historiografia tradicional.

Para Sargentini:

A análise arqueológica busca definir os próprios discursos, enquanto práticas discursivas e, portanto, para isso não acessa o arquivo como um documento, sem questionar os materiais arquivados, sem alertar-se para o fato de que eles não são transparentes. Diferentemente, o arquivo é acessado como um monumento, a respeito do qual se deixa ver a historicidade, permite analisar as relações que regem a aparição dos enunciados em seu volume próprio onde se pode apreender a história das coisas ditas em sua formação e transformação (Sargentini, 2019, p. 43).

Enquanto a história tradicional buscava memorizar os monumentos do passado e transformá-los em documentos, a perspectiva foucaultiana inverte essa lógica. O monumento prevalece sobre o documento, a arqueologia sobrepõe-se à história e o arquivo assume papel central na análise arqueogenealógica. Para Sargentini (2020), a formação discursiva está intrinsecamente ligada aos acontecimentos discursivos e ao arquivo. Santos (2015) define o arquivo como um conjunto de enunciados historicamente constituídos. O autor ressalta ainda que, ao discutir o arquivo foucaultiano, deve-se abandonar a busca pela totalidade, pois a ênfase recai sobre a análise dos enunciados em suas relações, e não sobre a quantidade ou a sequência discursiva (Santos, 2015). Em suma, a análise do arquivo deve considerar o contexto e as circunstâncias em que os enunciados foram produzidos, bem como as estruturas que consolidaram sua permanência ou transformação.

A análise do arquivo deve, portanto, considerar: a) sua relação com o objeto de estudo, cuja ocorrência temporal define o arquivo (Santos, 2015); b) sua ligação com o discurso, encontrado no processo de escavação do arquivo (Braga; Sá, 2020); c) sua importância como fonte para a compreensão dos movimentos históricos (Braga; Sá, 2020), levando em conta sua veracidade.

A relação entre arquivo e discurso também se manifesta na formação discursiva, definida pelos enunciados que a compõem. Para Foucault (1969), a formação discursiva se caracteriza por semelhanças e regularidades entre enunciados (ordem, correlações, posições, funcionamentos e transformações).

A interligação profunda entre os conceitos foucaultianos pode ser ilustrada pela metáfora da encruzilhada, proposta por Rodrigues Júnior (2018). Para o autor, a

encruzilhada é um campo dinâmico de possibilidades, onde múltiplas trajetórias se cruzam e se transformam. A figura de Exu, deus africano que simboliza a força dinâmica na encruzilhada, promovendo diálogos e subvertendo hierarquias, conecta-se às transformações discursivas analisadas pela arqueogenealogia foucaultiana como forças de resistência.

Rodrigues Júnior (2018) destaca os terreiros como espaços de resistência à colonização, que preservam práticas ancestrais e subvertem as imposições coloniais. A relação entre Exu e os enunciados de resistência ilustra como os caminhos da encruzilhada, assim como os discursos em Foucault, operam em constante movimento, reorganizando significados e criando novas possibilidades de existência.

A encruzilhada, com seus múltiplos caminhos interligados por um centro, assemelha-se aos conceitos foucaultianos. Assim como na encruzilhada, enunciado, poder, formação discursiva, arquivo e descontinuidade histórica atuam em conjunto, sem se reduzir a uma única lógica. O discurso pode ser visto como o centro da "encruzilhada foucaultiana", enquanto os demais conceitos representam seus caminhos interconectados.

A "encruzilhada foucaultiana" deve ser analisada de forma não linear, considerando os movimentos de ida e volta entre seus diferentes caminhos, que convergem para o discurso. Essa perspectiva dialoga com a figura de Exu como guardião das encruzilhadas, "que pode fazer com que a pedra que será atirada amanhã derrube uma fruta hoje para matar a fome de alguém" (Rosa Júnior, 2018, p. 94). A complexidade e o dinamismo do discurso foucaultiano exigem uma leitura que transite entre suas diferentes dimensões.

A interconexão entre os conceitos, ou "caminhos" da encruzilhada, é possível porque, para Foucault (1971), o discurso não é transparente, neutro ou aleatório, mas sim construído e moldado por forças históricas, sociais e institucionais. Assim como os caminhos da encruzilhada levam a lugares específicos, os discursos são configurados para produzir efeitos de poder e significação.

O centro da encruzilhada foucaultiana, o discurso, confere aos indivíduos uma sensação ilusória de pertencimento e originalidade. Para Foucault (1969), o sujeito não é o dono do discurso, mas o veículo por meio do qual ele se manifesta e se reproduz,

impulsionado por instituições de poder que impõem formas ritualizadas de produção e regulação, determinando, à distância (Foucault, 2014), o que pode ser dito.

A vontade de verdade, elemento fundamental do discurso e da encruzilhada foucaultiana, será desenvolvida a seguir.

### 1.3 A VONTADE DE VERDADE E AS FORMAS DE PODER

Em *A Ordem do Discurso* (1971), Foucault, ao discutir o terceiro princípio de exclusão do discurso, destaca a distinção entre verdadeiro e falso. Movido pela busca pela verdade, o indivíduo tende a classificar como falso tudo que diverge de suas crenças e cultura. Esse princípio, sustentado por instituições que o impõem e reforçam por meio de pressão e, muitas vezes, violência (Foucault, 1970), manifesta-se em três sistemas de exclusão: interdição, separação e oposição entre verdadeiro e falso.

A interdição se subdivide em três tipos: tabus do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. A separação, que se manifesta na rejeição (exemplificada por Foucault na oposição entre razão e loucura), implica que nem todo discurso circula livremente. Para determinar se um discurso foi anulado, basta analisar sua circulação em comparação com os discursos privilegiados. A oposição entre verdadeiro e falso relaciona-se às imposições das instituições de poder e da continuidade histórica.

A discussão sobre a "rejeição" e a "separação" (segundo sistema de exclusão) em Foucault é relevante para esta pesquisa, pois o filósofo exemplifica esse princípio de forma descontínua a partir de um fenômeno social historicamente mutável. A análise de Foucault sobre o discurso dos loucos permite traçar um paralelo com o silenciamento dos africanos escravizados. Assim como a palavra do louco era desconsiderada, a voz dos escravizados era ignorada em meio à violência sofrida. Nesse paralelo, guardadas as devidas proporções contextuais, os médicos assumem o papel dos colonizadores portugueses.

Foucault (1971) observa que, durante séculos na Europa, a palavra do louco ou era ignorada ou, quando ouvida, era interpretada como verdade, ora caindo no vazio, ora revelando uma razão ingênua ou astuciosa, mais razoável que a dos "sãos". A loucura era reconhecida pela fala, que se tornava o lugar da separação, mas essa fala nunca era verdadeiramente escutada ou registrada (Foucault, 1971).

Dito isso, para Foucault, o conceito de vontade de verdade, tal qual os demais sistemas de exclusão

apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje (Foucault, 1970, p. 17).

Para analisar um conjunto de práticas, é fundamental questionar as justificativas de seus fundadores. No caso do cristianismo, as práticas remetem à Bíblia, cujos escritos, segundo a mitologia cristã, têm origem divina, embora tenham sido redigidos por homens.

Esta pesquisa também aborda a manutenção do discurso, a permanência daquilo que "indefinidamente, para além de sua formulação, é dito, permanece dito e está ainda por dizer" (Foucault, 1970, p. 22). Essa permanência do poder e do discurso relaciona-se aos sistemas de exclusão, que privilegiam certos discursos em detrimento de outros. Nesse contexto, as práticas religiosas afro-brasileiras nunca gozaram da mesma liberdade que as cristãs. Mesmo com a laicidade do Estado, religiões como candomblé, umbanda e quimbanda continuam demonizadas, embora sacerdotes e objetos sagrados não sejam mais alvo de perseguição policial, como ocorria no século XX.

Outro conceito fundamental na obra de Foucault é o de poder, presente em praticamente todos os seus livros. Em *As Palavras e as Coisas* (1966), por exemplo, Foucault questiona a confiabilidade dos arquivos que embasam as teorias mais difundidas, buscando uma verdade "resultante de uma luta engendrada por sujeitos que assumem posições no dizer, que não dizem de qualquer modo, em qualquer lugar e em qualquer momento mas, enfim, que enunciam obedecendo a uma ordem do discurso" (Sargentini, 2015, p. 38). Ao investigar essa ordem, Foucault confronta aquilo que já estava consolidado historicamente e socialmente.

Segundo Teixeira (2017), ao questionar o documento e valorizar o arquivo, Foucault atribui a este o conceito de acontecimento, associando-o a uma camada que cristaliza sentidos. Assim, os questionamentos de Foucault impactaram estruturas de poder que contribuíram para a cristalização de determinados arquivos, como os da história e da medicina. Foi a partir da medicina que Foucault voltou seu olhar para a "loucura", categoria em certa medida inventada pelos médicos ao longo dos séculos. Essa categoria, que adquiriu diferentes significados ao longo da história, estava sujeita a dois tipos de poder: o da própria medicina e o dos médicos.

A medicina, enquanto instituição, possuía tamanha solidez que Foucault a descreve como uma das "unidades inteiramente formadas" (Foucault, 1969, p. 29), em contraste com a literatura, por exemplo. Para Gregolin (2007), na arqueologia foucaultiana, o discurso relaciona saber e poder, evidenciando o indivíduo como alguém que fala a partir de um direito formalizado e institucionalmente reconhecido. Assim, quando um médico fala em nome de uma ciência consolidada, sua autoridade é inquestionável.

Essa dinâmica de poder também se manifesta na regulação dos corpos nas prisões. Em *Vigiar e Punir* (1975), Foucault, atuando como arqueólogo, analisa arquivos sobre a "domesticação" dos prisioneiros pelas autoridades, que "definem bem [...] um certo estilo penal" (Foucault, 2014, p. 13). A domesticação dos corpos sob a vigilância do Estado, a linearidade histórica e a construção da categoria "loucura" são exemplos de como o poder atua na sociedade para manter sua autoridade. A ideia de domesticar corpos que não se enquadravam na sociedade burguesa, por exemplo, levou muito tempo para ser questionada. Da mesma forma, a desconstrução da imagem idealizada da princesa Isabel como libertadora dos escravizados ainda é um processo em curso.

Sobre poder, Navarro e Sargentini vão considerar que

Foucault vai nos apontar insistentemente os mecanismos dos poderes e, ao mesmo tempo, incitar-nos à insubmissão por meio da recalitrância do querer e da intransigência da liberdade. Ele nos diz, com muita veemência, que entre poder e resistência há sempre uma instigação e uma luta recíprocas, uma provocação permanente. A instigação à luta e à desobediência ao autoritarismo são sustentados por um pensamento arqueogenealógico como um método sem a rigidez formal tradicional, mas com muita eficiência para os combates (Navarro, P.; Sargentini, 2022, p. 39).

Antes de abordar o conceito de poder pastoral, crucial para este trabalho por sua relação com a hegemonia religiosa que violenta os povos de terreiro, examinaremos como Foucault desenvolve a microfísica do poder. Essa perspectiva analisa como os micropoderes se transformam e se perpetuam sócio-historicamente, "pulverizados em todo o campo social" (Gregolin, 2007, p. 17). Sendo históricas, essas verdades são relativas e instáveis (Gregolin, 2007). O poder, portanto, não se concentra apenas nas grandes instituições, mas se difunde por toda a sociedade, moldando os indivíduos de

forma sutil. Configura-se como uma técnica de governamentalidade que permeia discursos e práticas sociais, contribuindo para a manutenção da hegemonia sobre grupos marginalizados, como os povos de terreiro.

O poder pastoral, embora inserido no conceito mais amplo de poder, dirige-se a um grupo específico: o "rebanho", conforme Foucault ([1975] 2006). O rebanho é um grupo com características semelhantes, unido pela crença em um deus único. Essa formação discursiva, que postula a condução do rebanho por um pastor sob a égide divina, não se origina na Grécia ou em Roma (Foucault, 2006), mas no Egito, onde o faraó, em sua coroação, recebia um cajado que simbolizava seu papel de pastor do povo.

Em *Ditos e Escritos IV* ([1975] 2006), Foucault questiona a obediência do rebanho a deus e ao pastor e suas implicações sociais: "penso [...] no desenvolvimento das técnicas de poder voltadas para os indivíduos e destinadas a dirigi-los de maneira [...] permanente. Se o Estado é a forma política de um poder centralizado e centralizador, chama-se de pastorado o poder individualizador" (Foucault, 2006, p. 357). Ser conduzido implica seguir os preceitos do condutor. Nesse contexto, surge um paradoxo: a contradição entre o discurso cristão de paz e a "hipocrisia cristã" que promove a guerra e desrespeita a verdade do outro.

Foucault observa que, embora os egípcios tenham utilizado a simbologia do pastor, foram os hebreus que consolidaram o conceito, coroando deus como pastor de seu povo (Foucault, 2006). O Salmo 23 — "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará" (Bíblia Sagrada, Salmo 23:1) — ilustra essa ideia. Para os cristãos, deus é o guia e líder, e o pastor terreno atua sob sua autoridade.

Para Foucault, o pastor tem o papel de salvar o rebanho por meio da "benevolência individualizada" (Foucault, 2006, p. 359), zelando pela salvação de cada ovelha, e da "benevolência constante" (Foucault, 2006, p. 359), provendo seu sustento. A história bíblica de Abel e Caim, na qual Abel é o pastor, ilustra essa relação de bem e mal inerente à verdade cristã.

Foucault (2006) descreve, em quatro pontos, como o cristianismo moldou a ideia de uma influência pastoral contínua sobre os indivíduos: 1) a responsabilidade do pastor em evitar que o rebanho se perca (peque, desvie-se dos preceitos cristãos); 2) a obediência

(voluntária) do rebanho a deus e seus preceitos; 3) o conhecimento individualizado do pastor sobre cada ovelha, incluindo seus "pecados secretos" e sua "progressão na via da santidade" (Foucault, 2006, p. 368); 4) a transformação do rebanho por meio da renúncia ao mundo e a si mesmo (Foucault, 2006).

Partindo da concepção foucaultiana do discurso como produto sócio-histórico vinculado às instituições de poder, essa obediência cristã absoluta, que implica a renúncia em nome de deus e de uma verdade única, invisibiliza outras verdades, como as das religiões afro-brasileiras.

## **CAPÍTULO II - RACISMO, INTOLERÂNCIA E HOSTILIDADE À FÉ DE DESCENDÊNCIA AFRICANA**

Este capítulo contribui para a formação do arquivo desta pesquisa, apresentando recortes históricos que revelam a base sócio-histórica do racismo religioso no Brasil. A próxima seção abordará o tráfico transatlântico de africanos escravizados para o Brasil durante a colonização europeia, discutindo a substituição da mão de obra indígena pela africana, a catequização como instrumento de controle dos corpos e a resistência dessas minorias contra as tentativas de apagamento de suas identidades.

As duas últimas seções analisarão os conceitos de racismo religioso e intolerância religiosa, considerando o racismo como elemento central e a religião como secundário na formação do discurso que violenta os praticantes de religiões afro-brasileiras. O racismo, aqui entendido como um fenômeno multifacetado (estrutural, institucional, religioso, etc.), será abordado com foco em sua dimensão religiosa. Essa discussão conceitual contribuirá para a compreensão da temática central deste trabalho, permitindo análises mais precisas do *corpus* e a identificação de enunciados de resistência ao racismo religioso por parte de repórteres, entrevistados e apresentadores (quarto objetivo específico). Por fim, serão discutidos os conceitos de hostilidade e hospitalidade em Derrida (2003), no contexto das violências contra os povos de terreiro.

## 2.1 OS BRANCOS E AS VIOLÊNCIAS AOS POVOS DE ORIGEM AFRICANA

Os africanos trazidos à força para o Brasil, embora originários do mesmo continente, possuíam identidades diversas. Segundo Verger ([1981] 2018), o tráfico português de escravizados abrangia desde Cabo Verde, na costa ocidental africana, até Moçambique, na costa oriental. Acredita-se que os primeiros africanos escravizados a chegar ao Brasil tenham sido os Bantus, provenientes do Congo e de Angola (Rosa Júnior, 2018), seguidos pelos povos da Costa das Minas (minas, jejes ou daomeanos, fons, guns e gens) e, por fim, pelos iorubás (nagôs). É importante ressaltar, porém, que, como observa Bastide (1971), muitos escravizados eram identificados pelos colonizadores com os nomes dos portos africanos de embarque, o que contribuía com a tentativa de apagamento das suas verdadeiras origens étnicas.

O tráfico de africanos escravizados para o Brasil estava inserido no projeto de expansão econômica e cultural da Coroa Portuguesa. A sociedade que se estabelecia no Brasil no século XVI baseava-se na religião católica e no escravismo. De acordo com Bastide (1971), em 1550, cerca de 10% da população de Lisboa era composta por africanos escravizados. Inicialmente, esses africanos foram destinados ao trabalho nos canaviais, tanto devido à crescente demanda por açúcar no comércio português quanto à condenação da escravidão indígena pelos jesuítas.

A convivência entre povos originários e africanos nos canaviais influenciou as identidades dessas minorias, possivelmente contribuindo para o surgimento de religiões sincréticas que cultuam divindades africanas e entidades indígenas, como o candomblé. É importante, portanto, analisar as violências sofridas pelos povos originários com a invasão portuguesa dessas terras.

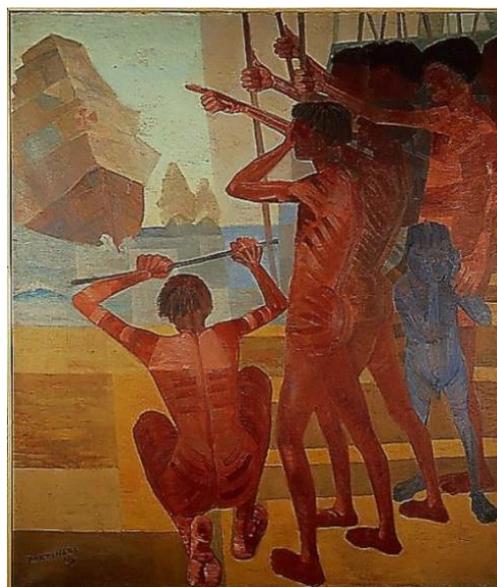
Inicialmente, os povos originários foram denominados "negros da terra" (Santos, 2022) e "índios". Este último termo, que não reflete sua diversidade étnica, designava erroneamente os nativos americanos como habitantes das Índias Orientais. Segundo Carboni e Maestri (2003, p. 7), o termo "índio" surgiu do equívoco geográfico de Cristóvão Colombo e seus companheiros de viagem. Os mesmos autores observam que Pero de Magalhães de Gândavo, humanista e gramático que viveu no Brasil em 1576, desumanizou e animalizou os povos originários, comparando seus costumes aos

européus. Em seu *Tratado da Terra do Brasil*, Gândavo (1979, p. 207) descreve os povos originários como "brutos animais sem ordem nem concerto de homens".

Ao contrário do que sugere a obra *Descobrimento do Brasil*, de Cândido Portinari, que retrata um território pouco povoado, estima-se que a população indígena no Brasil na época da colonização era de pelo menos dez milhões de pessoas, sendo mais de sete milhões apenas na Amazônia (Baniwa, 2022). Esses dados refutam a ideia de que não existiam "distintas sociedades, com línguas, organizações políticas e práticas culturais e econômicas" (Santos, 2022, p. 23) no território. Baniwa (2022) aponta que, no século XVI, havia pelo menos 1.300 línguas indígenas faladas no Brasil.

Segue abaixo a arte de Portinari:

**Imagem 1:** *O descobrimento do Brasil* - Cândido Portinari



Fonte: *site deniseludwig*<sup>19</sup>

Os povos originários, conhecedores de suas terras, foram escravizados pelos portugueses até o início do século XVII (Bastide, 1971). A catequização, longe de ser um ato de benevolência dos jesuítas, serviu como pretexto para impor os valores europeus. Segundo Santos (2022), a catequização justificava-se pela crença de que os povos

---

<sup>19</sup> Ludwig, Denisel. Pinturas na história do descobrimento do Brasil – os portugueses – as caravelas – os índios e o pau brasil. De arte em arte, 2013. Disponível em: <https://deniseludwig.blogspot.com/2013/04/arte-em-pinturas-na-historia-do.html>. Acesso em: 23 dez. 2024. s.p.

originários, por possuírem almas racionais, poderiam ser salvos de seus pecados por meio da fé cristã. O Diretório dos Índios, publicado em 1757 pelo Marquês de Pombal (Guerra, 2016), exemplifica essa estratégia.

Embora aparentemente concedesse liberdade aos povos originários, o Diretório visava, na realidade, ao controle de seus corpos e ao apagamento de suas identidades por meio da assimilação cultural. Como descreve Santos (2022), os povos originários foram obrigados a adotar nomes e sobrenomes portugueses, vestir roupas e habitar casas no estilo ocidental, além de serem incentivados a casar com brancos. As terras concedidas para o trabalho remunerado serviram apenas para perpetuar a exploração, levando muitos indígenas à morte ou à fuga (Santos, 2022).

Diante da resistência indígena, o Diretório foi utilizado como base para a retomada da catequização. A Coroa revogou o documento, mas manteve as políticas de "salvação" dos povos originários de seus "rituais pagãos" e "modo de vida selvagem" (Santos, 2022, p. 71). Para Baniwa (2022), essa tentativa de "civilizar" os povos originários, impondo os padrões europeus, inferiorizou suas identidades. Além disso, o português tornou-se a língua oficial do Brasil, ignorando a diversidade linguística indígena (Guerra, 2016).

Com o fracasso do Diretório, a Coroa delegou à Igreja a tarefa de "civilizar" os povos originários, iniciando um novo ciclo de catequização. O sistema civilizatório, segundo Santos (2022), funcionava como um delimitador racial: a catequese destinava-se aos povos originários, enquanto a escravidão era imposta aos africanos. Isso não significa que os africanos não fossem catequizados. Para Mattos (2007), o simples ato de impor nomes e sobrenomes europeus aos escravizados já configurava uma forma de batismo.

No entanto, a catequização de povos originários e africanos diferenciava-se na concepção dos jesuítas. Para eles, a única forma de "salvar" os africanos era por meio da tutela de seus senhores brancos, que controlavam seu acesso à catequese. Segundo Almeida, Silveira e Ferreira (2021), a Igreja só interveio na catequização dos africanos escravizados quando as revoltas se tornaram frequentes, entre o final do século XVII e o início do século XVIII.

Essa aliança entre Estado e Igreja visava controlar os escravizados, que, desde sua

chegada ao Brasil, lutavam por liberdade, assim como os povos originários. Entre as formas de resistência, destacam-se o Quilombo dos Palmares, que, segundo Almeida, Silveira e Ferreira (2021), motivou a Igreja a assumir a catequização dos africanos, e a Revolta dos Malês, que, de acordo com Mattos (2007), influenciou a abolição da escravidão. A Revolta dos Malês, em particular, tinha como motivação central a luta pela liberdade religiosa.

Os jesuítas se tornaram uma congregação poderosa e eficiente, em parte devido a seus princípios de busca pela "perfeição humana" por meio da palavra de deus e da obediência às autoridades (Nogueira, 2020). Essa relação de poder, que unia Igreja e colonizadores, baseava-se em um discurso racista, que impunha aos escravizados a conversão à fé católica e o aprendizado do português (Nogueira, 2020). A catequização simbolizava a expansão da ideia de que "somente a palavra de deus poderia levar o homem à perfeição", uma perfeição definida pelo domínio dos jesuítas a serviço do rei, da lei e da fé (Nogueira, 2020, p. 37).

As violências contra os povos originários e africanos manifestavam-se na estigmatização, na violência física e simbólica e na morte. A estigmatização definia os papéis de cada grupo na colônia, desconsiderando suas culturas. "Estigmatizar sempre foi um exercício comum para a manutenção de poder. Separar a identidade da alteridade, separar o correto do incorreto, [...] o branco do preto, o sacralizado do profano" (Nogueira, 2020, p. 4). A violência atingia a fé de ambos os grupos, cujos ritos eram considerados pagãos e demonizados pelos colonizadores. A "redenção" portuguesa era, porém, hipócrita, pois reservava aos africanos a escravidão como forma de expiação. A morte, onipresente, ainda ronda essas minorias, embora os responsáveis por ela não sejam mais os colonizadores portugueses, mas seus descendentes.

Finalmente, enquanto os portugueses chegavam ao Brasil em grandes embarcações, como parte de um processo de expansão marítima, os africanos eram trazidos à força em navios negreiros. As rotas marítimas podiam até se assemelhar, mas as condições da travessia eram radicalmente diferentes.

Segundo Santos (2022) tumbeiro:

era um dos sinônimos utilizados para se referir aos navios negreiros que transportavam africanos escravizados para as Américas. A escolha

desse substantivo não era aleatória: a violência inerente à escravidão somada às horrendas condições sanitárias da travessia marítima fizeram desses navios verdadeiras tumbas transatlânticas. As estimativas apontam que de 10% a 15% dos africanos que embarcavam nos tumbeiros morriam durante o percurso (Santos, 2022, p.57).

À lista de violências infligidas pelos colonizadores europeus, acrescenta-se a desumanização. Além de confinar os africanos escravizados em porões insalubres nos navios negreiros, os colonizadores racionavam sua alimentação e os acorrentavam, tornando-os vulneráveis a doenças. A violência física, com açoites e outras formas de agressão, era parte integrante desse sistema brutal.

Comparando o tratamento dispensado a povos originários e africanos, observa-se a racialização como elemento comum. O termo "negro", usado para se referir aos indígenas, evidencia que a escravização visava aos não brancos, independentemente de serem "negros da terra" ou da África (Santos, 2022).

Os jesuítas justificavam a escravização dos africanos argumentando que, por não possuírem rei nem servirem ao deus cristão, os açoites seriam benéficos (Bonzzato, 2011). Embora desrespeitassem as identidades africanas, os colonizadores se apropriaram de seus conhecimentos e habilidades, incluindo a herança árabe presente na África antes da expansão cristã (Querino, 2018).

Apesar da expertise dos africanos em agricultura, metalurgia e mineração (Querino, 1918), a escravização era justificada pela "vontade de verdade" cristã europeia. Sob o discurso de "piedade", os portugueses alegavam "resgatar" as almas dos africanos, que encontrariam redenção servindo a seus novos senhores, representantes de deus (Bonzzato, 2011). Esse discurso encobre a violência e a exploração perpetradas pelos colonizadores brancos para manter seu poder e seus privilégios.

## 2.2 O DICURSO RACISTA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Para Almeida (2019), o racismo deve ser entendido como um processo tanto histórico quanto político, pois traz vantagens apenas para determinados grupos. A relação entre Igreja e Estado no Período Colonial marginalizava os povos originários e africanos. O discurso racista condenava ao inferno aqueles que contrariassem a "vontade de deus", que se manifestava na escravidão, perpetuando a exploração dessas populações. A violência contra as minorias escravizadas reflete-se nos índices de violência atuais. Segundo o *Brasil de Fato* (2020), entre 2008 e 2018, a taxa de homicídios de negros cresceu 11,5%, enquanto a de não negros caiu 12%, evidenciando a persistência do racismo.

A negação do racismo é uma problemática contemporânea que contribui para sua invisibilização. Em 2018, antes de sua eleição, Jair Bolsonaro afirmou, em um evento com cerca de 15 mil pessoas, que "no Brasil não existe isso de racismo" (*Uol*). Essa declaração, enraizada em uma formação discursiva racista, apaga a violência cotidiana sofrida por negros no país.

Munanga (2012) aponta a persistência da ideia de que não há mais racismo no Brasil, ou de que ele é um problema importado. No entanto, diversos exemplos demonstram o contrário: o medo de mulheres brancas ao se depararem com homens negros na rua ou em condomínios, mesmo que estes sejam moradores (Gomes, 2007); a taxa de homicídios de homens negros, quase quatro vezes maior que a de não negros (G1, 2022); a desigualdade salarial entre mulheres brancas e negras; a invisibilização dos povos originários; a dificuldade na demarcação de suas terras; e o apagamento de suas contribuições para a formação do Brasil (Baniwa, 2022). Esses não são fatos do passado, mas da realidade contemporânea.

O racismo, muitas vezes, "se apresenta de forma tão sutil que, em certos momentos, é difícil de perceber até mesmo por quem foi atravessado por ele" (Gomes, 2023, p. 109). Esse "atravessamento", como o define Gomes (2023), revela as diversas formas de racismo (estrutural, religioso, institucional, linguístico) que persistem no Brasil, invisibilizadas pelas instituições de poder. A incitação à intolerância, especialmente contra as religiões afro-brasileiras, parte de discursos de pastores, padres e políticos (Nogueira, 2020).

Gigio (2023) argumenta que todos são racistas, pois a branquitude, sendo hegemônica, controla as estruturas sociais. Para o autor, desde a expansão colonial, o mundo foi moldado para os brancos, que estabeleceram os padrões econômicos e comportamentais (Gigio, 2023). Essa homogeneização de preceitos serviu para construir e manter uma sociedade escravista. A economia se beneficia da mão de obra negra, mas o lucro concentra-se nas mãos dos brancos. A liberdade religiosa é condicionada ao afastamento dos terreiros de matriz africana dos centros urbanos.

Para Erikson Santos (2022, p. 9), "para compreender o racismo na sociedade e combater o próprio racismo, é necessário revisitar as epistemologias da colonização e romper com a invisibilização do racismo". A sociedade precisa reconhecer seu racismo e a legitimidade das reivindicações de negros por igualdade e equidade. A negação do racismo no Brasil é uma manifestação do poder que busca apagar as marcas da colonialidade.

### 2.3 O RACISMO COMO RAIZ DA INTOLERÂNCIA E A HOSTILIDADE ÀS CRENÇAS NEGRAS

Embora o Artigo 23 do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) garanta a liberdade de consciência e de crença, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (Brasil, 2010), os casos apresentados anteriormente demonstram que a laicidade, embora exista legalmente, ainda não se concretiza plenamente na prática. Essa "farsa da laicidade", como a define Nogueira (2020, p. 36), e a intolerância religiosa contra os povos de terreiro contribuem para a invisibilização da violência que sofrem, ecoando a ilusão de que o racismo não existe no Brasil. Para discutir o conceito de intolerância religiosa, dois pontos serão considerados: 1) as instituições de poder e seu disfarce de justiça; 2) os ataques explícitos aos povos de terreiro.

O primeiro ponto será ilustrado pelo caso da mãe de santo que perdeu a guarda da filha, que estava passando por iniciação no candomblé, em Araçatuba, São Paulo. A avó paterna, evangélica, acusou a mãe de abuso sexual, cárcere privado e maus-tratos durante o ritual. Apesar de o laudo do Instituto Médico Legal (IML) ter refutado as acusações, o delegado considerou a raspagem do cabelo da adolescente, parte do ritual de iniciação, como lesão corporal, acusação também feita pela avó (Moura, *Uol*, 2020). Esse caso demonstra o desrespeito aos ritos do candomblé por parte das autoridades e a ineficácia de leis que garantem a liberdade religiosa.

A relação citada vai ao encontro da reflexão de Nogueira:

A violação do princípio da liberdade religiosa produz guerras, mata pessoas, exclui grupos, espalha ódio, separa, condena sem tribunal a alteridade e mantém os 'intolerantes' no poder. Trata-se do poder de um discurso que, em verdade, acredita que todos devem ter as mesmas crenças" (Nogueira, 2020, p. 40).

A criminalização do curandeirismo no Código Penal brasileiro (Lei nº 2.848/1940, artigo 284) reforça a marginalização das religiões afro-brasileiras. Como observa Silva Júnior (2021), ministrar uma substância ou recomendar um chá pode ser considerado crime. O artigo 284 define curandeirismo como: "I - prescrever, ministrar ou aplicar, habitualmente, qualquer substância; II - usar gestos, palavras ou qualquer outro meio; III - fazer diagnósticos" (Brasil, 1940). Essa criminalização, imposta pelo poder hegemônico

da branquitude, gera uma contradição legal e restringe as práticas religiosas afro-brasileiras. Afinal, como os sacerdotes podem realizar seus rituais — banhos de ervas, cânticos, rezas, ebós, borís, orôs, jogos de búzios — se essas práticas são criminalizadas?

Essa situação evidencia o avanço do racismo, legitimado por forças políticas que promovem o etnocentrismo e a perseguição às religiões não hegemônicas (Nogueira, 2020). Dessa forma, é evidente que o artigo 284 não se originou de poderes laicos ou de uma perspectiva de tolerância religiosa. Em outras palavras:

ainda que com a promulgação da Constituição Federal de 1988, tenha sido em tese instaurado o princípio da laicidade no Brasil, nas avenidas, terrenos, terreiros, encruzilhadas e esquinas o açoite do racismo religioso bate, e forte” (Santos, E. 2022, p. 68).

O segundo ponto a ser considerado diz respeito às manifestações mais visíveis de intolerância religiosa: incêndios, vandalismo e depredação de terreiros; ódio aos ritos afro-brasileiros; e violência física e verbal contra sacerdotes. Como define Nogueira (2020), a "intolerância religiosa" descreve ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas não hegemônicas. Por isso, as instituições de poder contribuem para sua invisibilização, mesmo em um país que se declara laico. A perseguição religiosa pode variar do incitamento ao ódio a atos violentos como tortura e agressão física (Nogueira, 2020).

Embora este trabalho se concentre no racismo e na intolerância contra as religiões afro-brasileiras, é importante lembrar que essa estrutura sócio-histórica também afetou os povos originários. Nogueira (2020, p. 39) cita o exemplo do "profetismo tupi", prática religiosa indígena que desagradava os jesuítas, que a consideravam "feitiçaria e idolatria".

A intolerância religiosa também se manifestou contra os judeus, condenados pelo cristianismo por não reconhecerem Jesus como Messias. As Cruzadas, que visavam à retomada da Terra Santa pelos cristãos, e o protestantismo, liderado por Martinho Lutero, são exemplos de movimentos marcados pela hostilidade aos judeus. O ódio aos judeus levou à perseguição e culminou no Holocausto, durante o qual milhares de judeus, incluindo mulheres, idosos e crianças, foram mortos em campos de concentração nazistas, em nome da suposta superioridade da "raça ariana".

As informações reforçam que:

Ao longo da História, existem muitos fatos marcados não só pela religiosidade, mas também pelo ódio e pelo fanatismo (intolerância), que massacraram povos com outras crenças, outros valores, ou seja, outra forma de filosofia de como entender o mundo em que vivem e o início do mundo, bem como o modo de se comportar no meio social. Sempre organizando esses comportamentos de forma a valorizar um em detrimento de outrem (Nogueira, 2020, p. 44-45).

Munanga (2010) ressalta que, além das Cruzadas, outros conflitos históricos foram motivados pela intolerância religiosa, como as guerras religiosas na Europa, as guerras santas muçulmanas, as inquisições na Península Ibérica, os conflitos entre católicos e protestantes na Irlanda e os conflitos entre muçulmanos e católicos na Nigéria. Nogueira (2020, p. 45) observa que a perseguição religiosa pode envolver "julgamentos parciais, prisões ilegais, espancamentos, torturas, execuções sumárias, negação dos direitos e da liberdade civil".

Neste trabalho, o termo "racismo religioso" será utilizado para designar a violência contra os povos de terreiro, e não apenas "intolerância religiosa". Os ataques aos terreiros não são motivados por discordâncias doutrinárias, mas sim pela ancestralidade africana das religiões. Trata-se da "negação de uma forma simbólica e semântica de existir, de ser e estar no mundo" (Nogueira, 2020, p. 91).

A opção pelo termo "racismo religioso" não implica que a intolerância religiosa não ocorra nos terreiros. Ao contrário, partimos do princípio de que a intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras está intrinsecamente ligada ao racismo. Essas religiões são alvo de violência devido à sua ancestralidade africana e à persistência das estruturas coloniais. Reconhecer que a violência contra a fé de matriz africana tem raízes na história colonial contribui para a visibilização do racismo no Brasil.

Embora a depredação de um terreiro possa ser classificada como intolerância religiosa, os ataques ao sagrado afro-brasileiro têm raízes racistas. Como observa Nogueira (2020, p. 91), a categoria "intolerância" não permite compreender a centralidade do racismo na perseguição às religiões afro-brasileiras. A intolerância não tem o mesmo impacto que o racismo, pois "o processo de demonização dos cultos de matrizes africanas, em última análise, caracteriza a negação da humanidade desses fiéis" (Nogueira, 2020, p. 91).

Ainda segundo Nogueira (2020)

Quando se fala em intolerância religiosa, algumas vezes o foco da perseguição não é apenas a origem étnica dos praticantes ou a origem da crença, mas uma prática do sagrado alheio, que é considerada herética ou demoníaca por outro grupo. No caso dos evangélicos em relação aos católicos, a perseguição se dá por conta do que chamam de idolatria: a relação secular do catolicismo com as representações figurativas de seus entes sagrados. O uso de imagens dentro da igreja católica não foi ponto pacífico, mas alvo de discussão teológica na Idade Média entre os doutores da igreja (Nogueira, 2020, p. 83).

Como destaca Silva Júnior (2021), intolerância implica discordância, e as religiões, inclusive as cristãs, divergem entre si. No entanto, no Brasil, o que se observa é "um fenômeno de ataque, de repulsa, de vilipêndio, de ultraje a tudo aquilo que diz respeito à memória, à identidade, à história e ao patrimônio cultural afro-brasileiro" (Silva Júnior, 2021). A esse fenômeno, acrescenta-se o preconceito, definido por Nogueira (2020, p. 41) como "a recusa na aceitação do outro, [...] um conceito prévio sobre uma realidade conhecida apenas de modo superficial".

Retornemos ao caso da mãe de santo que perdeu a guarda da filha. É importante ressaltar que este não é um caso isolado, mas sim representativo de inúmeros outros que não chegam a ser noticiados. Cabe questionar: por que levar crianças, filhas de pais separados, à igreja não é questionado da mesma forma?

A hegemonia cristã no Brasil remonta à colonização portuguesa e manifesta-se, ainda hoje, em casos como o da mãe de santo que perdeu a guarda da filha devido ao preconceito religioso, alimentado por forças políticas que legitimam o etnocentrismo e a perseguição às religiões não hegemônicas.

Silva Júnior (2021) ilustra essa hegemonia cristã ao descrever casos em que pais recorrem à Justiça alegando que a participação da criança em rituais afro-brasileiros lhe causaria mal, obtendo a guarda unilateral. O autor aponta ainda a contradição no discurso das autoridades, que não questionam a presença de crianças em igrejas onde se consome bebida alcoólica em contextos religiosos.

Em *Da Hospitalidade* (2003), Derrida, baseando-se em Kant, desenvolve os conceitos de hostilidade e hospitalidade no contexto da imigração. Para Derrida, o

imigrante, ao chegar a um novo país, é submetido a um "tribunal" que o interroga sobre sua identidade. Nesta seção, esses conceitos serão aplicados aos povos de terreiro, considerando o contexto histórico da recepção da fé afro-brasileira no Brasil.

Nagamine e Natividade (2017), antes de discutir o conceito de hostilidade em Derrida (2003), apresentam a etimologia da palavra, que, em grego, remete a *xenos* (estrangeiro), raiz de "xenofobia". A relação entre hospitalidade e hostilidade em Derrida pode ser compreendida a partir do tratamento dispensado aos *xenos* pelos gregos. Como observa Gagnebin (2006), a hospitalidade grega era condicional, dependendo da identidade do estrangeiro. A hostilidade manifestava-se na declaração de guerra, enquanto a hospitalidade dependia da "pessoa" e da "cultura" do *xenos* (Nagamine; Natividade, 2017, p. 289). Em outras palavras, eram bem-vindos aqueles que se dispunham a assimilar a cultura local.

A hostilidade às religiões afro-brasileiras origina-se no período colonial, com o tráfico de africanos escravizados e sua chegada forçada ao Brasil. As divindades africanas foram demonizadas, e o deus cristão foi imposto aos povos negros como parte do projeto colonial.

Ribeiro (2021), analisando a xenofobia contra asiáticos durante a pandemia de COVID-19, observa que, na relação entre estrangeiro e nativo, o estrangeiro é visto como ameaça, e a violência contra ele é justificada como uma forma de proteção do nativo e de seu território. Essa perspectiva permite refletir sobre o espaço social ocupado pelos povos de terreiro. Os colonizadores brancos nunca foram hospitaleiros com os africanos, visando sempre à sua escravização para atender aos interesses econômicos de Portugal. A identidade africana era desconsiderada, e a hostilidade, justificada pelo "amor à pátria" ou à Coroa Portuguesa, explorava a força de trabalho dos africanos, cujas crenças, ao longo dos séculos, deram origem a religiões como candomblé, umbanda e quimbanda.

### CAPÍTULO III - O PODER DA MÍDIA PENTECOSTAL E NEOPETENCOSTAL

Após a abolição da escravatura em 1888, a busca pela eliminação da população afrodescendente continuou sob novas formas. O darwinismo social e as teorias racistas do Conde de Gobineau, que pregavam a extinção dos negros, influenciaram a busca por uma sociedade "mais evoluída" (Bonzzato, 2011), um eufemismo para um Brasil branco. A mão de obra escravizada foi substituída por imigrantes europeus (italianos, alemães, suíços), e os negros, excluídos do mercado de trabalho, foram relegados às periferias. Estereótipos que associavam o homem negro a uma figura negativa e perigosa ganharam força (Bonzzato, 2011).

Com a redução das oportunidades de trabalho para os homens negros, as mulheres negras passaram a ocupar os espaços urbanos com maior intensidade, embora já o fizessem antes da abolição. Negras de tabuleiro e ganhadeiras, além de comprarem suas alforrias, também libertavam familiares. Esse cuidado com a família e a conquista dos espaços urbanos deram origem a uma forma de maternidade que acolhia pessoas de todas as classes sociais, como ainda se observa nos terreiros. Segundo Ferretti (1996), esse cuidado com o outro foi fundamental para o surgimento dos primeiros terreiros de candomblé na Bahia, do Tambor de Mina e das Casas de Nagô no Maranhão.

A perseguição à cultura afro-brasileira continuou, agora de forma mais dissimulada, atingindo também a religiosidade. Os colonizadores brancos sexualizavam os rituais africanos, permitindo que os escravizados "se divertissem" aos domingos e feriados, pois acreditavam que a dança, interpretada como estímulo à procriação, aumentava sua produtividade (Bastide, 1971). Essa "benevolência" visava apenas ao lucro, e não à preservação da cultura africana.

Quando os cultos africanos deixaram de ser lucrativos, foram novamente demonizados e proibidos. No século XIX, qualquer manifestação da religiosidade afro-brasileira era punida com prisão e multa (Silva, 2017). O objetivo não era mais incentivar a "procriação", mas sim marginalizar os negros, excluindo-os do mercado de trabalho e proibindo suas práticas religiosas.

No século XX, a imagem do negro associada à criminalidade reforçou sua

marginalização, consolidando a hegemonia branca. As próximas seções analisarão como a mídia contribui para a valorização das religiões pentecostais e neopentecostais e para a demonização das religiões afro-brasileiras.

### 3.1 A MÍDIA EVANGÉLICA

Para que um discurso se mantenha hegemônico, é necessário investir estrategicamente na manutenção de seus enunciados (Foucault, 1969). Esta seção analisa como a mídia, ao longo do século XX, foi crucial para a expansão da fé evangélica no Brasil e para a manutenção da hegemonia cristã.

As décadas do século passado marcaram um declínio na hegemonia católica e a ascensão dos evangélicos. Entre 1910 e 1911, italianos fundaram a Congregação Cristã em São Paulo (1910), e suecos, a Assembleia de Deus em Belém (1911), marcando o início do pentecostalismo clássico no Brasil (Mariano, 2004). Desde então, embora o catolicismo ainda detenha maior número de fiéis, o número de evangélicos tem crescido continuamente. Nesse contexto, a manutenção do discurso cristão se reorganizou, com os pastores substituindo os padres e a evangelização midiática, a catequização.

O crescimento dos evangélicos foi expressivo entre 1940 e 2000, passando de 2,6% para 15,4% da população, o que representava 26.184.941 pessoas (Mariano, 2004). Em 2010, esse número subiu para 22,2% (IBGE). Uma pesquisa Datafolha de 2020 revelou que os cristãos representavam 71% da população brasileira, sendo 50% católicos e 31% evangélicos. Os adeptos de religiões afro-brasileiras eram apenas 2%, enquanto os espíritas representavam 3%, os sem religião, 10%, os judeus, 0,3% e os ateus, 1%.

O rádio foi um dos primeiros meios de comunicação utilizados pelos evangélicos. Segundo Fonseca (2010), os pentecostais começaram a utilizá-lo para difundir mensagens religiosas em 1940. Embora a televisão já existisse desde 1950, o rádio, mais acessível financeiramente, continuava sendo o principal veículo de comunicação para a evangelização (Mariano, 2008).

Fonseca (2010) vai trazer uma lista dos programas de rádio que se fizeram presentes no século XX e nisso vai mostrar que as igrejas assembleianas foram pioneiras nesse movimento:

O programa do pioneiro do radioevangelismo na igreja Assembleia de Deus Lawrence Oslon, ainda que sob forte oposição, foi ao ar em 1947, na Rádio Cultura de Lavras em Minas Gerais. Em 1950, o pastor José Gomes Moreno, da cidade de Curitiba, deu início ao programa

Voz Evangélica das Assembleias de Deus pela Rádio Guairacá. Em janeiro de 1955, Lawrence Oslon lançou pela Rádio Tamoio o histórico programa Voz das Assembleias de Deus. Ainda no ano de 1955, o pastor Alcebiades Pereira de Vasconcelos propôs à Igreja de São Luís no Maranhão a criação de um serviço de evangelização pelo rádio. Sendo aprovada a proposta, o programa utilizou, num primeiro momento, os estúdios da Rádio Ribamar, transferindo-se no ano de 1956 para a Rádio Timbira do Maranhão. Também do ano de 1955, foi ao ar o programa O Som do Evangelho na igreja de Belém do Pará (Fonseca, 2010, p. 382).

Os programas evangélicos no rádio visavam a alcançar as pessoas por meio da "palavra de deus". No entanto, a relação entre pentecostalismo e rádio foi marcada por oscilações até a década de 1970. Alguns pastores consideravam o rádio uma influência negativa para os evangélicos, principalmente devido à música (Fonseca, 2010). Em 1975, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, realizada em Santo André, São Paulo, demonstrou preocupação com a programação televisiva, deslocando, indiretamente, a atenção que antes se voltava para o rádio:

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, re-afirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Im-buída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte: [...] 7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde<sup>20</sup>.

Considerando os estudos de Foucault (1969), a manutenção da hegemonia de um discurso requer o investimento estratégico na repetição de seus enunciados. Esta seção analisa como a mídia, ao longo do século XX, desempenhou papel crucial na expansão da verdade cristã no Brasil e na manutenção do poder do cristianismo, especialmente por meio do crescimento das igrejas evangélicas.

---

<sup>20</sup> Convenção Geral de 1975. Resolução de Santo André. In: DANIEL et al., op. cit., 2004, p. 438.

As décadas do século passado abalaram a hegemonia católica. Entre 1910 e 1911, com a fundação da Congregação Cristã em São Paulo (1910) por italianos e da Assembleia de Deus em Belém (1911) por suecos, o pentecostalismo clássico ganhou força no Brasil (Mariano, 2004). Desde então, o número de evangélicos tem crescido constantemente, embora o catolicismo ainda detenha a maioria dos fiéis. Nesse contexto, a manutenção do discurso cristão se adaptou a uma nova configuração, com os pastores substituindo os padres e a evangelização midiática, a catequização.

O crescimento dos evangélicos foi notável entre 1940 e 2000, passando de 2,6% para 15,4% da população, o que correspondia a 26.184.941 pessoas (Mariano, 2004). Em 2010, esse percentual atingiu 22,2% (IBGE). Uma pesquisa Datafolha de 2020 indicou que 71% dos brasileiros se identificavam como cristãos, sendo 50% católicos e 31% evangélicos. As religiões afro-brasileiras representavam apenas 2% da população, enquanto os espíritas eram 3%, os sem religião, 10%, os judeus, 0,3% e os ateus, 1%.

O rádio foi um dos primeiros meios utilizados para a evangelização. Segundo Fonseca (2010), os pentecostais começaram a utilizá-lo em 1940. Apesar do surgimento da televisão em 1950, o rádio, mais acessível, continuava sendo o principal veículo para a propagação da fé (Mariano, 2008). O objetivo dos programas era difundir a "palavra de deus". No entanto, a relação entre pentecostalismo e rádio foi ambivalente até a década de 1970. Alguns pastores viam o rádio como uma influência negativa, especialmente devido à música (Fonseca, 2010). Em 1975, a Convenção Geral das Assembleias de Deus, realizada em Santo André (SP), demonstrou preocupação com a programação televisiva, deslocando a atenção antes voltada para o rádio.

A mídia evangélica no século XX abrangia diferentes faixas etárias. Bellotti (2009) analisa a influência da revista adventista *Nosso Amiguinho*, voltada para o público infantil na década de 1950. A revista, com edições mensais, pregava a obediência a deus, ao Estado e aos pais. Em uma perspectiva conservadora, a criança era vista como uma "folha em branco", devendo rejeitar tudo que não fosse divino, inclusive as histórias em quadrinhos populares na época. Segundo Bellotti (2009), os quadrinhos eram demonizados por serem promovidos por educadores e padres e por não se alinharem à doutrina evangélica. A própria revista *Nosso Amiguinho* (1967) os descrevia como uma influência negativa, que incentivava a desobediência nas crianças.

Paradoxalmente, a partir de 1970, a revista passou a utilizar quadrinhos, criando personagens como Sabino, Gina, Quico, Cazuzo, Luiza e Noguinho, de diferentes nacionalidades (Bellotti, 2009). Essa mudança sugere que a busca por leitores superou os princípios defendidos pela revista na década de 1950, priorizando o aspecto comercial em detrimento da fé.

Um dos maiores sucessos da mídia evangélica no século XX foi o Smilinguido, criado na década de 1980 por Márcia Macedo D'Haese e Carlos Tadeu Grzybowski, membros da Igreja do Cristianismo Decidido, em Curitiba (Bellotti, 2007). A formiga sorridente conquistou um público amplo, não se restringindo às crianças. Segundo Pereira (2008), o Smilinguido e sua turma representavam o imaginário social, superando suas limitações físicas para trabalhar e difundir a palavra de deus. O personagem estampou diversos produtos — roupas, material escolar, brinquedos, alimentos (Pereira, 2008) — e continua popular até hoje.

Em 1997, surgiu a turma de Mig e Meg, voltada para crianças e pré-adolescentes. Criada por Márcia d'Haese, a série, diferentemente do Smilinguido, que focava em mensagens de amizade, enfatizava ensinamentos sobre a família (Bellotti, 2007). Segundo o *website* da produtora<sup>21</sup>, o objetivo da turma é "plantar nos corações sementinhas que se transformem em árvores frutíferas e agradáveis ao Senhor" (Mig&Meg, s.d.).

A doutrinação evangélica na infância, por meio da mídia, reforça o discurso da verdade cristã como única e inquestionável. Bellotti (2007) observa que o Smilinguido utiliza verbos no imperativo ("temos que", "devemos") em suas mensagens. Essa abordagem autoritária pode limitar o senso crítico das crianças, contribuindo para a crença em uma verdade única. Além disso, o consumismo religioso infantil evidencia a adesão da mídia evangélica a premissas capitalistas, colocando deus como justificativa para o consumo.

Nessa época (1997), o pentecostalismo perdia espaço para o neopentecostalismo, movimento surgido no Brasil na década de 1970 (Mariano, 2004). A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foi pioneira nesse movimento, que valoriza a relação entre mídia

---

<sup>21</sup> Sobre a Mig & Meg. Disponível em: <https://migmeg.com.br/conheca-a-mig-meg/>. Acesso: 02/04/2025.

e religião. Os neopentecostais, considerados os "crentes do futuro", flexibilizaram algumas restrições pentecostais, permitindo, por exemplo, roupas modernas, o consumo de produtos de beleza e o acesso a espaços de lazer como cinema e teatro.

Fundada em 1977 por Edir Macedo, a IURD expandiu sua presença na mídia eletrônica a partir de 1989, com a compra da TV Record. Nessa época, a igreja já contava com 571 templos no Brasil (Mariano, 2004). Na década de 1990, a IURD expandiu-se internacionalmente. Nesse período, Edir Macedo foi acusado de sonegação de impostos, envolvimento com o narcotráfico e charlatanismo por Carlos Magno Miranda, ex-líder da igreja no Nordeste (Mariano, 2004). Essa contradição expõe a hipocrisia das críticas da IURD às religiões afro-brasileiras, enquanto Edir Macedo classifica entidades dessas religiões, como caboclos e guias, como demônios, mas atribui ao deus cristão o poder de realizar milagres.

Em suas pregações, a IURD incentiva doações mensais, argumentando que "aquele que não paga o dízimo [...] rouba a deus" (Mariano, 2004, p. 129). A comercialização da fé baseia-se na persuasão e no consumo. A persuasão visa a pessoas com problemas pessoais, explorando sua vulnerabilidade. O consumo surge como uma solução "fácil" para suas dificuldades. Como observa Bellotti (2009), as pessoas mais pobres, muitas vezes com baixa escolaridade, são as mais suscetíveis à evangelização, tanto pela esperança de milagres quanto pelo senso crítico menos desenvolvido.

Nessa dinâmica, o fiel doa parte de seus poucos recursos na esperança de um milagre. A máxima de que Jesus valoriza a doação, mesmo daqueles que têm pouco, é ressignificada e utilizada pela mídia para convencer os fiéis de que podem alcançar a graça divina. Se o milagre não ocorre, a culpa recai sobre o fiel, cuja fé é considerada insuficiente. Se ocorre, a glória é atribuída ao pastor. Essa comercialização e doutrinação midiática contradizem o discurso de que os pastores agem por altruísmo e amor à nação e à família.

A IURD, embora utilize tanto mídia impressa quanto eletrônica, com ênfase no rádio (Félix; Santi, 2018), contribuiu para a expansão do televangelismo no Brasil (Mariano, 2004). Sua estratégia de persuasão, baseada em um *marketing* sofisticado, busca desqualificar outras religiões e atribuir os problemas dos telespectadores à influência demoníaca e à falta de fé. "Testemunhos" de fiéis que receberam milagres são

utilizados como prova da eficácia das pregações. O programa *Vício Tem Cura*, exibido atualmente às 4h da manhã aos sábados na Record, exemplifica essa estratégia.

Outros programas religiosos exibidos pela Record durante a madrugada são: *Fala Que Eu Te Escuto* (00h45), *Inteligência e Fé* (2h), *Palavra Amiga* (3h), *Nosso Tempo* (4h30), *Prosperidade com Deus* (5h10), *Corrente dos 70* (5h40) e *Nosso Tempo* (6h30). Embora não haja dados precisos sobre a audiência de todos esses programas, o *BNews* reportou que o *Fala Que Eu Te Escuto* liderou o *ranking* de audiência em 22 de novembro de 2024, demonstrando o interesse do público por programação religiosa.

A midiaticização, que será discutida posteriormente com base em Hjarvard (2014), explica a relação entre líderes religiosos e mídia e o discurso utilizado para atrair fiéis (Assis; Melo, 2017). Para a mídia evangélica, a proximidade com os fiéis justifica até mesmo a flexibilização de suas "verdades", como a incorporação do rádio e dos quadrinhos em suas estratégias de comunicação.

### 3.2 A MUDIATIZAÇÃO E AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Em um artigo do *site* Agência Senado<sup>22</sup>, a historiadora Valquíria Valesco aponta como a mídia foi uma das maiores contribuintes para que as religiões de matriz africana fossem violentadas. Isso porque, no século XX, jornais considerados de grandes nomes para os brasileiros publicavam fotos acompanhadas de matérias que debochavam dos terreiros e desfaziam das suas crenças.

Por outro lado, a partir de Silva e Rocha (2013), percebemos que a mídia também contribuiu para a resistência dos povos de terreiro por ter se tornado um espaço de divulgação das suas ritualísticas. Os estudiosos citam João Alves Torres Filho (Joãozinho da Gomeia), babalorixá que fundou o Terreiro da Gomeia, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense (RJ), em 1951, e ficou famoso por nunca esconder as ritualísticas de descendências africanas em que acreditava. O pai de santo dava conselhos espirituais no jornal Diário Trabalhista, na seção “Ao cair dos Búzios”, e era bem quisto pela mídia local, onde divulgava suas atividades espirituais com o objetivo de atrair pessoas.

Nessa perspectiva, podemos considerar a mídia como um campo de múltiplas faces, embora tal consideração deva ser feita com muito cuidado, visto que o Brasil sempre foi hegemonicamente cristão, logo, por mais que as religiões de matriz africana estejam presentes no século XX e no século XXI nos jornais, nas telas, nos panfletos e entre outros espaços midiáticos, ainda estamos tratando, por um lado, de crenças que estavam utilizando desse espaço para continuar a existir e, por outro lado, de uma crença que estava buscando manter a sua hegemonia. Dessa forma, os espaços midiáticos utilizados por essas religiões não são os mesmos, já que seus objetivos acabam sendo diferentes.

É com essa visão que, nas próximas páginas, veremos duas faces midiáticas dentro do conceito de midiatização: a que oprime as manifestações afro-brasileiras e a que levanta a bandeira da resistência das culturas de descendência negra. A começar pela primeira, vejamos na imagem a seguir uma das primeiras notícias publicadas em 1918 na

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/racismo-religioso-cresce-no-pais-prejudica-negros-e-corroi-democracia> Acesso em: 04 jan. 2024.

Gazeta de Notícias sobre uma batida policial em uma casa de axé do Rio de Janeiro na qual se utilizam palavras e sintagmas racistas para tratar da fé de matriz africana como “antro” para se referir ao espaço sagrado e “objetos exóticos” para tratar dos materiais sagrados dos sacerdotes:

**Imagem 2:** Reportagem de 1918 da gazeta: “O ‘candomblé’ do Souza visitado pela polícia”

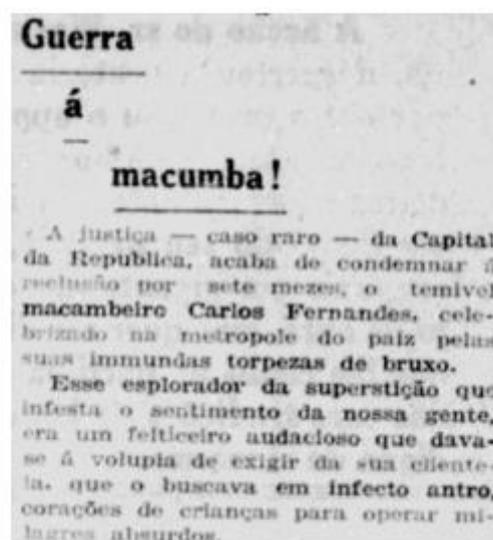


Fonte: Biblioteca Nacional Digital in portal *comunicare*.<sup>23</sup>

<sup>23</sup>MOREIRA, Davi Guiarzi Luiz. Religiões afro-brasileiras lutam contra o preconceito há quase 100 anos em Curitiba. *Comunicare*, [Curitiba], 2024. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/religioes-afro-brasileiras-lutam-contra-o-preconceito-ha-quase-100-anos-em-curitiba/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

O site *Comunicare* apresenta outros exemplos de demonização midiática das religiões afro-brasileiras no século XX, como a manchete de 1929 do *Diário da Tarde*: "Enquanto Curitiba dorme... as macumbas das sextas-feiras". Em 1930, o mesmo jornal, utilizando novamente o termo "macumba" de forma pejorativa, incita a polícia a reprimir os terreiros.

**Imagem 3:** Reportagem do Diário da Tarde de 1930: “Guerra à macumba”



Fonte: Biblioteca Nacional Digital in portal *comunicare*.<sup>24</sup>

Em 1950, a mídia continuava a incitar a repressão policial aos rituais afro-brasileiros. Um exemplo é a reportagem de 1955 do *Diário do Paraná*, que enviou um repórter a um terreiro para investigar seus ritos e noticiou uma oferenda feita no local. A matéria afirma que "o despacho chegou a amedrontar os moradores das proximidades, que muito agradeceram ao delegado a suspensão do festim", demonstrando o viés preconceituoso da mídia. A manchete da reportagem era:

<sup>24</sup>MOREIRA, Davi Guiarzi Luiz. Religiões afro-brasileiras lutam contra o preconceito há quase 100 anos em Curitiba. *Comunicare*, [Curitiba], 2024. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/religoes-afro-brasileiras-lutam-contra-o-preconceito-ha-quase-100-anos-em-curitiba/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

**Imagem 4:** Reportagem do Diário do Paraná de 1955: “Macumba praticada abertamente em vários bairros da capital”



Fonte: Biblioteca Nacional Digital in portal *comunicare*<sup>25</sup>.

O ódio direcionado às religiões afro-brasileiras pela mídia do século XX e a forma como os terreiros são representados atualmente, relacionam-se ao conceito de midiatização, desenvolvido por Hjarvard (2014). Esse conceito explica não apenas como a mídia é utilizada para difundir crenças e valores, mas também a heterogeneidade do cenário midiático. Hjarvard fundamenta a midiatização em três aspectos principais, sendo os dois primeiros:

1. A midiatização diz respeito às transformações estruturais de

---

<sup>25</sup>MOREIRA, Davi Guiarzi Luiz. Religiões afro-brasileiras lutam contra o preconceito há quase 100 anos em Curitiba. *Comunicare*, [Curitiba], 2024. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/religoes-afro-brasileiras-lutam-contra-o-preconceito-ha-quase-100-anos-em-curitiba/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

longa duração na relação entre a mídia e outras esferas sociais. [...] a midiáticação preocupa-se com os padrões em transformação de interações sociais e relações entre os vários atores sociais, incluindo os indivíduos e as organizações. Desta perspectiva, a midiáticação envolve a institucionalização de novos padrões de interações e relações sociais entre os atores (Hjarvard, 2014, p.24). 2. Os resultados da midiáticação podem variar consideravelmente, dependendo do contexto histórico e geográfico do campo em questão, e a perspectiva institucional serve como quadro analítico flexível para considerar o nível apropriado de generalização dos resultados em cada caso específico (Hjarvard, 2014, p.24).

A partir dessa perspectiva, observa-se uma fluidez na mídia, que não é estática. Os atores sociais, ou "esferas sociais", como os denomina Hjarvard, interagem com essa diversidade midiática de acordo com seus interesses.

A relação entre contexto histórico e geográfico permite refletir sobre as nuances da mídia brasileira, como a representação das religiões afro-brasileiras. Enquanto no século XX a mídia demonizava escancaradamente essas religiões e saía de maneira impune, atualmente jornais e emissoras reconhecem a intolerância religiosa e noticiam as violências contra os povos de terreiro, como a TV Atalaia. Essa mudança, explicada pelo conceito de midiáticação, relaciona-se às diretrizes estatais. O Código Penal de 1890 criminalizava os sacerdotes afro-brasileiros (Agência Senado), legitimando a violência que algumas mídias faziam contra os povos de terreiro.

Em 1999, o caso de Mãe Gilda<sup>26</sup>, considerado por Oliveira (2015) a "primeira condenação nacional por dano moral decorrente de intolerância religiosa institucional" (Oliveira, 2015, p. 17), com base na Lei nº 11.635/2007, chegou ao Superior Tribunal de Justiça. A partir desse marco legal, a mídia passou a ser mais cautelosa na manifestação do racismo religioso. No entanto, isso não quer dizer que as mídias não pratiquem mais racismo religioso. As violências continuam acontecendo, porém não mais como antes, e isso pode ser compreendido a partir do que Modesto e Fontana (2020) chamam de "farsa da plena identificação". Entendemos que esse conceito pode ser interpretado como uma estratégia utilizada pela mídia e pela sociedade para simular respeito às religiões afro-brasileiras, mascarando o ódio à fé negra.

---

<sup>26</sup> O crime cometido pela Iurd foi trazido na nossa introdução.

O terceiro aspecto da midiática, segundo Hjarvard (2014), é:

3. A midiática é um processo recíproco entre a mídia e outros domínios ou campos sociais. A midiática não concerne à colonização definitiva pela mídia de outros campos, mas diz respeito, ao invés disso, à crescente interdependência da interação entre mídia, cultura e sociedade. Analiticamente, podemos estudar esses relacionamentos e processos considerando tanto a mídia e outros domínios sociais como instituições (como a família e a política) ou práticas situadas dentro de enquadramentos institucionais particulares (como o entretenimento familiar da criança na família ou as campanhas eleitorais na política). A midiática preocupa-se com o codesenvolvimento e a mudança recíproca de características institucionais tanto da mídia quanto de outros domínios. Essas mudanças podem ser analiticamente entendidas como transformações de uma configuração ou regime interinstitucional a outro (Hjarvard, 2014, p.25).

Esse aspecto reforça a intencionalidade da mídia. Nesse sentido, ela não é neutra, pois percorre de maneira fluida diversos campos de interesses sociais, como os espaços em que o indivíduo normalmente está inserido - o ambiente familiar, religioso, escolar, etc. Dentro dessa lógica, a mídia também não pode ser considerada homogênea, já que o Brasil é composto por culturas diferentes, logo, motivando o espaço midiático a tornar-se multifacetado. Assim, de maneira geral, se há público que se identifique com determinado conteúdo, é natural que a mídia lhe dê espaço. Voltemos a Joãozinho da Goméia para compreendermos melhor essa reflexão. O babalorixá passou a ficar cada vez mais famoso e a ter mais espaço midiático porque seus conselhos, fundamentados nas crenças afro-brasileiras, aguçavam a curiosidade das pessoas, fazendo com que a audiência da seção subisse, seu nome ficasse mais conhecido e a mídia local continuasse se interessando pelo seu conteúdo.

Frisemos que esse exemplo, contudo, não destaca que as religiões de matriz africana tiveram as mesmas oportunidades no espaço midiático que as religiões cristãs. Para as primeiras, o espaço sempre foi mais reduzido. O programa Viva Oxalá, televisionado em 2007 e 2008 pela TV Maranhense (afiliada à Bandeirantes), inclusive, retrata bem como era o espaço midiático destinado à fé negra. De acordo com Brasil (2009), esta era a única programação que possuía algum tipo de vínculo às religiões de matriz africana, as demais, dentro da perspectiva religiosa, estavam relacionadas a

programações de caráter cristão.

Atualmente, a mídia digital, especialmente as redes sociais, abriga páginas e perfis que disseminam discursos de resistência dos povos de terreiro. Exemplos disso são o perfil de Karla Kotirene no Instagram, que discute casos de racismo e promove o empoderamento da fé afro-brasileira e da cultura e identidade negra; e o perfil do professor Sidney, que compartilha ensinamentos sobre as religiões afro-brasileiras.

## CAPÍTULO IV - AS NOTÍCIAS DA MÍDIA SERGIPANA SOBRE A HOSTILIDADE AOS POVOS DE TERREIRO

Os critérios para a seleção dos enunciados analisados estão diretamente relacionados aos objetivos específicos desta pesquisa. Foram selecionados enunciados presentes nas notícias da TV Atalaia que: a) demonstram antagonismo, resistência ou ofensa aos povos de terreiro; b) apresentam regularidades discursivas que possam implicar a supressão da violência contra as religiões afro-brasileiras; c) utilizam a verdade cristã como único parâmetro para validar ou invalidar as religiões afro-brasileiras; d) expressam resistência à intolerância religiosa e ao racismo religioso por parte de repórteres, entrevistados e apresentadores. A seleção também inclui trechos que contextualizam as notícias e enunciados de resistência de entrevistados pertencentes ao candomblé e à umbanda.

Há nesse contexto um importante adendo a se fazer com relação a alguns enunciados escolhidos<sup>27</sup> e suas análises. Compreendendo que as religiões de matriz africana no Brasil possuem culturas/ritos/nações diferentes umas das outras, há ainda terreiros que seguem o sincretismo, como os de umbanda e alguns do candomblé. Por outro lado, existe uma corrente de resistência que vem se formando proveniente de lutas como a de mãe Stella<sup>28</sup> para que os deuses africanos sejam reconhecidos sem serem comparados aos santos católicos e ao deus cristão. Levando em consideração, tanto as nossas vivências de terreiro, no *Ilé Asé Aloroké Bábá*, quanto as nossas pesquisas sobre a temática, consideraremos, assim, a origem e a pluralidade dos deuses africanos sem compará-las/igualá-las à verdade cristã.

---

<sup>27</sup> Há enunciados em que entrevistados das religiões de matriz africana trazem à tona dizeres cristãos. No entanto, compreendemos que isso ainda é reflexo da estratégia que foi utilizada pelos povos de origem africana para proteger seus ritos. Ainda há sacerdotes que utilizam do mesmo discurso como forma de resistir ao racismo religioso.

<sup>28</sup> Ver: RODNEY, Pai. Mãe Stella de Oxóssi: candomblé e modernidade. Carta Capital, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/mae-stella-de-oxossi-candomble-e-modernidade/>. Acesso: 02/04/2025.

#### 4.1 “ENCONTRO MARCA SEMANA DA LUTA CONTRA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA”<sup>29</sup>

A reportagem aborda um encontro inter-religioso promovido pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias durante a semana do Dia Estadual de Combate à Intolerância Religiosa (21 de janeiro), em Sergipe. O evento reuniu líderes religiosos para discutir a intolerância enfrentada por diferentes crenças no estado. A matéria da TV Atalaia inclui entrevistas com alguns desses líderes e com um representante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) - Sergipe. O apresentador introduz a notícia, resumindo o objetivo do encontro e, em seguida, chama a reportagem.

<b>Enunciado 1</b>	Olha, eu me encontro para falar das próprias experiências, do jeito que cada religião professa a fé. O evento foi promovido pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e marca a semana de combate à intolerância religiosa. Acompanhe na tela (TV Atalaia, 2018, 00:00:01).
--------------------	---

O apresentador assume uma posição de autoridade ao abordar a intolerância religiosa, como se observa no uso do verbo "olhar" no imperativo, em tom de indignação.

Na sequência, a reportagem é exibida, e o repórter apresenta novas informações sobre o encontro, incluindo os participantes do evento.

<b>Enunciado 2</b>	O encontro serviu para discutir as questões voltadas à intolerância religiosa. Líderes de denominações diferentes e um representante da OAB de Sergipe foram convidados para o <b>debate</b> . Entre as falas, relatos de exemplos de discriminação ainda muito presentes na sociedade (TV Atalaia, 2018, 00:00:22).
--------------------	--

O repórter menciona que o evento se trata de um debate, mas não detalha seu desenvolvimento, apresentando apenas trechos isolados das entrevistas com os líderes

<sup>29</sup> TV ATALAIA. Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/joyrPsgJ6JM?feature=shared>. Acesso em: 25 jul. 2024.

religiosos e o representante da OAB. O primeiro entrevistado é um sacerdote de religião afro-brasileira.

<b>Enunciado 3</b>	Tem sido difícil. <b>A gente</b> vem enfrentando no Brasil inteiro uma onda de preconceito e intolerância muito grande. Os <b>terreiros de candomblé</b> , os <b>terreiros de umbanda</b> têm sido invadidos. Os ataques de fanáticos religiosos <b>têm nos</b> deixado <b>muito tristes</b> (TV Atalaia, 2018, 00:00:40).
--------------------	--

A pausa entre o primeiro e o segundo períodos enfatiza o sofrimento causado pela perseguição religiosa, expresso pelo pronome "a gente", que inclui o sacerdote e os demais praticantes de religiões afro-brasileiras. A menção a "candomblé" e "umbanda" no terceiro período, embora não exclua outras religiões afro-brasileiras, destaca as mais representativas em Sergipe. Ao se referir aos agressores como "fanáticos religiosos", o sacerdote evoca o sistema de exclusão descrito por Foucault (1971), no qual um grupo, ao acreditar em sua verdade como única e absoluta, silencia outras verdades.

O uso de "ter", "nos" e "tristes" no plural, reforçado pelo advérbio "muito", indica um diálogo entre os adeptos das religiões afro-brasileiras e evidencia a recorrência da violência que sofrem.

Após a fala do sacerdote, a reportagem apresenta a declaração do representante da OAB:

<b>Enunciado 4</b>	Aqui em <b>Sergipe</b> , a gente tem um panorama que é mais ou menos positivo apesar de um caso ou outro pontuar, mas de uma forma geral, o panorama é positivo. Então a comissão está mais no campo do debate ideológico, do debate doutrinário e jurídico. Mas no Brasil a gente tem atuação principalmente no <b>Rio de Janeiro</b> que é muito forte os casos de intolerâncias e em <b>Brasília</b> também tem um enfrentamento mais enfático (TV Atalaia, 2018, 00:00:59).
--------------------	---

Ao afirmar que a intolerância religiosa em Sergipe é menos intensa do que em outros estados (Rio de Janeiro e Brasília), o representante da OAB minimiza o sofrimento expresso pelo sacerdote afro-brasileiro, contribuindo para o apagamento de suas reivindicações e para a deslegitimação da luta dos povos de terreiro por reconhecimento.

Esse enunciado dificulta a transformação discursiva necessária para a valorização das experiências desses povos. A mídia reforça essa deslegitimação ao apresentar os recortes das entrevistas nessa ordem: a fala do sacerdote de matriz africana e depois a do representante da OAB.

Após a fala do representante da OAB, o presidente da IJSUD afirma que o objetivo do encontro era compreender como os líderes religiosos lidam com a intolerância religiosa. Em seguida, um sacerdote espírita declara:

<b>Enunciado 5</b>	É muito importante que essas denominações religiosas se reúnam, discutam essa questão da intolerância religiosa porque <b>deus é um só</b> . Nosso irmão maior Jesus, ele veio para todos. Ele não fez distinção alguma e por que nós queremos fazer essa distinção? Então nós precisamos levantar essa bandeira que é uma bandeira de todos, é uma bandeira da paz, da fraternidade e, se nós queremos um mundo melhor, nós precisamos ter pessoas que pensem e sintam deus (TV Atalaia, 2018, 00:02:00).
--------------------	--

Ao afirmar que "deus é um só", o entrevistado, partindo de uma perspectiva monoteísta cristã, exclui as divindades de outras religiões, como as afro-brasileiras, e evoca o discurso de salvação utilizado pelos catequizadores no período colonial. Embora aparentemente inclusivo, o enunciado, baseado em dogmas cristãos, contribui para o apagamento das divindades africanas, que foram sincretizadas para sobreviver à repressão religiosa no Brasil.

Como observa Foucault (1971), a transformação discursiva requer a consideração das verdades do outro. Ao afirmar a unicidade de deus, o sacerdote espírita exclui outras crenças, reforçando a hegemonia cristã.

Após a reportagem, o apresentador retorna para encerrar a notícia:

<b>Enunciado 6</b>	É importante esse encontro de várias religiões, nós vivemos num país onde há liberdade religiosa e o mais importante é você respeitar a escolha religiosa do seu irmão porque, como disse o entrevistado, <b>que é espírita, deus é um só</b> (TV Atalaia, 2018, 00:02:29).
--------------------	---

A escolha do apresentador em citar o enunciado do entrevistado espírita para

defender o respeito à liberdade religiosa revela desconhecimento sobre o politeísmo das religiões afro-brasileiras e supervaloriza os dogmas espíritas, como se observa na ênfase dada à expressão "que é espírita". Essa falta de conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras demonstra a ausência de uma investigação histórica e social mais profunda por parte da mídia, contrariando a busca pela veracidade dos fatos defendida por Foucault em sua arqueogenealogia. Faltou à mídia investigar a história e o contexto social das religiões afro-brasileiras para evitar a disseminação de informações superficiais e equivocadas.

## 4.2 “INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: TERREIRO DE BABALORIXÁ É INCENDIADO NA SOLEDADE”<sup>30</sup>

Em 2018, uma criança de oito anos foi encontrada morta perto de um manguezal no bairro Soledade, em Aracaju (SE), onde morava com a família. Inicialmente, especulou-se que a morte seria um homicídio cometido por um babalorixá cujo terreiro de candomblé ficava no mesmo bairro. As acusações levaram moradores a incendiar o terreiro, que também abrigava um salão de beleza, destruindo objetos religiosos, móveis, eletrodomésticos, equipamentos do salão e medicamentos da mãe do babalorixá, que estava no local durante o incêndio. O babalorixá não estava presente no momento.

A investigação da Polícia Civil concluiu que a morte foi acidental (*Infonet*<sup>31</sup>). A criança brincava de pipa com um amigo quando a pipa enroscou em uma árvore. Ao tentar recuperá-la, a criança caiu, bateu a cabeça e morreu. O amigo, inicialmente, mentiu para a polícia, alegando que a criança havia sido sequestrada por dois homens armados com facões. Segundo o *Infonet*, a criança já chegou sem vida ao hospital, e seu corpo foi encontrado perto do local da brincadeira, e não em um rio, como inicialmente divulgado.

A notícia “Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade”<sup>32</sup> foi introduzida pelo apresentador que escolhe os seguintes enunciados para narrar o caso:

<b>Enunciado 7</b>	Desde o início da manhã, quando seu corpo foi encontrado, muitas histórias apareceram sobre este crime. Uma delas é que (nome da criança) poderia ter sido vítima de um ritual de <b>magia negra</b> . <b>Populares</b> então atearam fogo em um <b>terreiro de candomblé</b> , que fica no mesmo bairro onde a família de (nome da criança) mora (TV Atalaia, 2018, 00:00:01).
--------------------	---

O termo "magia negra", além de reforçar o preconceito contra a cultura afro-

<sup>30</sup> TV ATALAIA. Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/j4IVFyYK2gk?si=vD3syhdzWgrxXrSw>. Acesso: 25 jul. 2024.

<sup>31</sup> Ver em: ESTÁCIO, Varlene. Caso Ruan: adolescente desmente rapto e diz que morte foi acidental. *Infonet*, Sergipe (SE), 2018. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/caso-ruan-adolescente-desmente-rapto-e-diz-que-morte-foi-acidental/>. Acesso: 02/04/2025.

<sup>32</sup> TV ATALAIA. Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/j4IVFyYK2gk?si=vD3syhdzWgrxXrSw>. Acesso: 25 jul. 2024.

brasileira, associa-se implicitamente às religiões afro-brasileiras, como se observa na menção ao "terreiro de candomblé" para justificar a violência dos agressores, chamados de "populares" pelo apresentador, e não de "criminosos". Essa escolha lexical, que reflete a capacidade dos indivíduos de selecionar seus enunciados (Foucault, 1971), minimiza a gravidade do crime.

A reportagem que descreve a destruição do terreiro inicia com a seguinte fala:

<b>Enunciado 8</b>	A morte do pequeno [...] deixou toda a comunidade do bairro Soledade bastante afetada, bastante abalada, mas isso não justifica este ato de <b>intolerância</b> , de <b>desrespeito</b> e de <b>violência</b> da qual foi vítima, o [...]. O [...] é o dono desta casa de axé e, quando ele chegou em casa, o cenário que ele encontrou foi esse: completa destruição. A mãe dele de <b>apenas</b> 68 anos estava aqui, sentada em uma <b>cadeira</b> , mas o que sobrou da cadeira foram esses destroços aqui completamente incendiados (TV Atalaia, 2018, 00:00:41).
--------------------	--

O repórter utiliza os termos "intolerância, desrespeito e violência", e não "racismo", para descrever o ataque, invisibilizando a motivação racial da violência. A ênfase na destruição da cadeira da mãe do babalorixá desvia a atenção da destruição de objetos sagrados do candomblé. O uso do advérbio "apenas" para se referir à idade da mãe do babalorixá reforça a tentativa de sensibilizar o telespectador, evidenciando a preocupação da mídia com a recepção da notícia. Essa estratégia remete à proposta de Foucault (1969) de analisar as regras de formação do discurso, considerando o locutor (mídia) e o público-alvo (telespectador), que, neste caso, parece ser presumido como conservador.

O babalorixá, em seu direito de resposta, declara:

<b>Enunciado 9</b>	Não tenho palavras para dizer o que estão fazendo porque isso é <b>loucura</b> . [...] Associar o candomblé com a morte de uma criança que não tem nada a ver [...]. Eu estou com minha casa toda destruída, aí é só <b>Jesus</b> e só <b>Jesus</b> mesmo para tomar conta e resolver esse problema. (TV Atalaia, 2018, 00:02:02).
--------------------	--

A fala do babalorixá revela dois discursos: o de resistência, ao invocar "Jesus"

como única solução, estratégia utilizada por seus ancestrais para proteger sua fé; e o de justificativa, ao usar o termo "loucura" para descrever a ação dos agressores, implicitamente defendendo a sacralidade das crianças no candomblé. Como observa Verger (2012), os Ibejis são entidades infantis cultuadas no candomblé, e as oferendas e festas para esses orixás incluem a participação de crianças.

O repórter, em sua fala seguinte, apresenta uma regularidade enunciativa:

<b>Enunciado 10</b>	Lamentável. Muito obrigado[...] . Tá aí uma cena revoltante, uma cena lamentável de <b>intolerância</b> religiosa e de <b>ignorância</b> . <b>A gente entende</b> que o caso que aconteceu com o garoto <b>provoca muita revolta, mas</b> a polícia já está tomando conta disso. Nós temos instituições estabelecidas para investigar, para cuidar do caso. Fazer <b>justiça com as próprias mãos</b> não é a melhor solução (TV Atalaia, 2018, 00:03:46).
---------------------	--

A repetição do termo "intolerância" e o uso de "ignorância" para descrever o racismo religioso, assim como o emprego de "a gente entende", "provoca muita revolta" e a conjunção adversativa "mas", minimizam a violência e sugerem a possibilidade de o terreiro ser culpado pela morte da criança. A ênfase na polícia como solução remete à perseguição histórica aos terreiros, que eram forçados a se deslocar para áreas rurais devido à repressão policial no século XX.

Ao final da reportagem, o apresentador conclui:

<b>Enunciado 11</b>	Olha, a isso dar-se o nome de <b>vandalismo</b> associado à <b>intolerância</b> . Ninguém tem o direito de fazer <b>justiça com as próprias mãos</b> . Se houvesse até uma sinalização, uma suspeita de que alguma coisa partiu dali, mesmo assim, essas pessoas não deveriam agir como agiram colocando em risco <b>inclusive</b> a vida de uma idosa (TV Atalaia, 2018, 00:04:16).
---------------------	--

O apresentador, assim como o repórter, evita o termo "racismo", optando por "vandalismo" e "intolerância", e repete a expressão "justiça com as próprias mãos", configurando uma regularidade enunciativa que, segundo Foucault (1969), compõe uma formação discursiva. A ênfase na idosa, introduzida pelo advérbio "inclusive", desvia a

atenção da violência contra o terreiro, o babalorixá e a religião afro-brasileira, sugerindo que o principal problema seria o risco à vida da mãe do babalorixá.

### 4.3 “POLÍCIA INVESTIGA CASO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BAIRRO SOLEDADE”<sup>33</sup>

A segunda notícia sobre o caso, com duração de 1 minuto e 15 segundos, inicia com a seguinte fala do apresentador:

<b>Enunciado 12</b>	Durante o velório do menino, <b>não sei se você lembra</b> , um centro religioso foi incendiado, a polícia começou a investigar também esse caso. A delegada [...] está investigando o que ela chama de caso de intolerância e ela falou com a equipe da TV Atalaia (TV Atalaia, 2018, 00:00:05).
---------------------	---

O uso de "não sei se você lembra" busca estabelecer uma conexão com o telespectador. Considerando o alinhamento da TV Atalaia com os valores cristãos da TV Record, sua afiliada, é provável que o público-alvo também compartilhe esses valores. A neutralidade do apresentador, que atribui à delegada a explicação do crime, reforça essa hipótese.

A delegada, em sua entrevista, declara:

<b>Enunciado 13</b>	Já temos fortes indícios da autoria desses delitos, porque houve um incêndio à casa e ao templo religioso do babalorixá, houve uma tentativa de agressão física, tanto a ele que, se estivesse presente, provavelmente sofreria consequências, provavelmente irreparáveis; à genitora dele que estava no local e foi retirada por <b>populares</b> mediante um pedido, foi implorado aos agressores que retirassem a idosa do local. A cadeira onde ela estava foi queimada e o local onde ele trabalha, que é um salão de beleza anexo à sua casa também foi destruído. Então foi um prejuízo enorme e todos serão responsabilizados perante a justiça por esses atos criminosos (TV Atalaia, 2018, 00:00:22).
---------------------	---

<sup>33</sup> TV ATALAIA. Polícia investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: [https://youtu.be/tJaJAEXjHdg?si=CoerPfQjy2rGCv\\_p](https://youtu.be/tJaJAEXjHdg?si=CoerPfQjy2rGCv_p). Acesso em: 25 jul. 2024.

A delegada não utiliza o termo "intolerância", como mencionado pelo apresentador, sugerindo que a emissora editou sua fala, prática comum na mídia. Embora inicialmente empregue o termo "populares" para se referir aos agressores, a delegada o substitui por "agressores", indicando uma correção em sua escolha lexical.

Esse exemplo demonstra a importância da consciência sobre os efeitos das escolhas enunciativas. O termo "popular", derivado do latim *popularis*, pode significar "do povo", "vulgar" ou "democrático" (Priberam<sup>34</sup>). Seu uso nas notícias revela uma regularidade enunciativa que pode atenuar a violência racista, refletindo a dificuldade em reconhecer e nomear o racismo.

---

<sup>34</sup> Ver em: Popular. Priberam, s.d. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/popular>. Acesso: 02/04/2025.

#### 4.4 “INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BAIRRO SOLEDADE”<sup>35</sup>

A terceira notícia sobre o caso inicia com a seguinte fala do apresentador:

<b>Enunciado 14</b>	Voltamos <b>a falar sobre o caso (nome do menino) que morreu no bairro Soledade, aqui em Aracaju</b> . Durante o velório do menino, um centro religioso, no bairro em que a família mora, foi incendiado e nós mostramos aqui no Cidade Alerta Sergipe. Hoje a repórter (nome da repórter) voltou até o local (TV Atalaia, 2018, 00:00:01).
---------------------	---

Embora o título da reportagem mencione a intolerância religiosa, o apresentador enfatiza a morte da criança, relegando o incêndio a um segundo plano. Essa estratégia permite que o ato de racismo seja minimizado e justificado como uma busca por "justiça".

A repórter, em sua primeira fala, declara:

<b>Enunciado 15</b>	Na casa do babalorixá, (nome do babalorixá), no bairro Soledade, na zona norte da capital, as marcas da violência e a destruição ainda estão por toda parte. Vítima de <b>vandalismo</b> , (nome do babalorixá) e a família tentam se reerguer depois de tantos prejuízos e do susto que levaram (TV Atalaia, 2018, 00:00:26).
---------------------	--

Novamente, a mídia evita o termo "racismo", optando por "vandalismo". O babalorixá, em seu depoimento, destaca:

---

<sup>35</sup> TV ATALAIA. Intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/yaA09EYwWuE?si=FriGwZAJHv2kLAQM>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<b>Enunciado 16</b>	Está difícil manter as coisas porque <b>assim...</b> a gente constrói com <b>tanto</b> sacrifício e ver assim destruído. Se você me perguntar quem foi quem é, eu não sei. Eu não tava em casa, eu não sei (TV Atalaia, 2018, 00:01:05).
---------------------	--

A fala do babalorixá, um homem negro, sacerdote, filho de mãe negra e microempreendedor, expressa o peso da marginalização. A repetição de "assim" e o advérbio "tanto" enfatizam a dificuldade de reconstruir seu espaço sagrado, profissional e familiar. A afirmação de que não sabe quem são os agressores revela o temor pela impunidade.

A repórter, novamente, atribui a violência a um "ato de vandalismo" (TV Atalaia, 2018, 00:01:15), afirmando que "vândalos invadiram a residência [...] em busca de fazer justiça com as próprias mãos" (TV Atalaia, 2018, 00:02:12). Essa associação entre racismo e justiça minimiza o crime e sugere que os agressores agiram em busca de reparação.

O babalorixá, em seguida, declara:

<b>Enunciado 17</b>	Para com essa loucura, candomblé não faz <b>mal</b> . Bote uma coisa na cabeça de vocês: quem faz o mal são as pessoas que fazem mal uns aos outros, não é o axé, não é a religião, não é a igreja, não é a católica, não é nada. Nada faz mal a ninguém. <b>O mal está dentro das pessoas</b> , não é dentro do axé (TV Atalaia, 2018, 00:02:24).
---------------------	--

Ao utilizar a dualidade "bem" e "mal", presente no discurso cristão, o babalorixá parece buscar se comunicar com os agressores, atribuindo a violência à ignorância sobre as religiões afro-brasileiras. Ao afirmar que o "mal" está nas pessoas, o babalorixá implicitamente sugere que os agressores desconhecem os rituais afro-brasileiros.

Após a fala do babalorixá, o apresentador retoma a palavra para introduzir a fala da delegada responsável pela investigação.

#### 4.5 “PROMOTOR DE JUSTIÇA FALA SOBRE O CASO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BAIRRO SOLEDADE”<sup>36</sup>

A notícia inicia com o apresentador relacionando a morte acidental da criança ao incêndio no terreiro. Ele exibe um trecho em que o babalorixá, assim como repórteres e apresentadores da TV Atalaia, utiliza o termo "vandalismo" para se referir ao ataque racista (TV Atalaia, 2018, 00:00:19). Isso demonstra como o discurso que minimiza o racismo está disseminado, atingindo até mesmo os sacerdotes afro-brasileiros.

Em seguida, o apresentador exibe a fala da delegada, que afirma que o babalorixá teria sofrido "consequências irreparáveis" (TV Atalaia, 2018, 00:01:52) — possivelmente a morte — se estivesse presente no momento do ataque. Após a fala da delegada, o apresentador convida um promotor de justiça a comentar o caso, o que demonstra um interesse da mídia por informações reais sobre o preconceito à fé negra.

O promotor confirma a repercussão do caso fora de Sergipe, mencionando que o Grupo de Trabalho de Combate ao Racismo do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) recebeu denúncias de outros casos de intolerância religiosa no estado (TV Atalaia, 2018, 00:05:02). Isso demonstra que Sergipe não possui baixos índices de racismo religioso, contrariando afirmações anteriores. O promotor, então, cita a Constituição Federal:

<b>Enunciado 18</b>	<b>o artigo 5º da constituição, inciso 6º</b> , garante a cada cidadão o direito de escolher ter uma religião ou de não ter uma religião e todos os cultos, todas as religiões são protegidas por lei e as religiões de matriz africana, além da Constituição, o Estatuto da Igualdade Racial também garante, no artigo 23, a preservação de suas liturgias e seus cultos (TV Atalaia, 2018, 00:05:02).
---------------------	---

O promotor menciona ainda as *fake news* divulgadas sobre o caso:

<sup>36</sup> TV ATALAIA. Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade Cidade Alerta. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/naLTNioFMJA?si=YAVnya9xk1tN2605>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<b>Enunciado 19</b>	Olha, essa questão da <b>fake news</b> nós recebemos em relação a essa questão da criança envolvendo inclusive áudio atribuindo ao candomblé, atribuindo às religiões de matriz africana, a um sacrifício humano. Quem conhece as religiões de matriz africana sabe que dentro da liturgia não existe sacrifício de seres humanos, né!? Isso é um absurdo, não existe, não é permitido e a nossa Constituição tem como princípio basilar o direito à vida. O Estatuto da Criança e do Adolescente também preserva a vida e é crime a questão de se matar o semelhante, né!? [...] Isso é um medievalismo, uma barbárie, um absurdo se imputar às religiões de matriz africana (TV Atalaia, 2018, 00:07:41).
---------------------	---

O promotor atribui os ataques à vulnerabilidade das religiões afro-brasileiras, "de pessoas pobres, humildes e de muitas vezes de idade avançada" (TV Atalaia, 2018, 00:07:41), demonstrando como a marginalização afeta diferentes grupos minoritários. A matrilinearidade no candomblé (Ferretti, 1996) e a presença de divindades e entidades marginalizadas socialmente, como orixás, caboclos e pombagiras, reforçam essa vulnerabilidade.

#### 4.6 “CASO RUAN: INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CAUSOU PREJUÍZOS A INOCENTES”<sup>37</sup>

A quinta notícia sobre o caso inicia com a apresentadora recapitulando a morte da criança e o incêndio no terreiro. A reportagem repete trechos anteriores, como a fala do babalorixá sobre o desconhecimento dos agressores e sua afirmação de que "o candomblé não faz mal a ninguém" (TV Atalaia, 2018, 00:03:19). A repórter, novamente, utiliza os termos "vandalismo" e "justiça com as próprias mãos" (TV Atalaia, 2018, 00:03:06) para descrever o ataque, expressões repetidas pela apresentadora ao final da reportagem:

<p><b>Enunciado 20</b></p>	<p>Uma situação muito complicada, gente, pra essas pessoas, para esse rapaz babalorixá, a senhora de 68 anos que estava em <b>casa</b> quando o <b>local</b> foi invadido, por essas pessoas que estavam com sede de <b>justiça</b>. A gente entende até o sofrimento das pessoas, a indignação porque no momento não tinham respostas a respeito do caso, né!? Do garoto [...], quem teria provocado a morte, se alguém teria provocado a morte. E aí as pessoas decidiram fazer justiça, mas não pode sair assim fazendo <b>justiça</b> com as próprias mãos, né!? A gente tem a polícia pra cumprir com esse dever de fazer <b>justiça</b>, de fazer investigação e aí acaba atingindo também outros inocentes na história, né!? Tem o inocente, o garoto (nome da criança no diminutivo), a vítima da história que acabou morrendo e aí outras vítimas aparecem, que são justamente essa senhora de 68 anos e o babalorixá que ainda continuam com a casa destruída, a senhora sem os remédios que ela precisa tomar, televisão quebrada, o salão onde o rapaz ganhava uma renda extra também destruído (TV Atalaia, 2018, 00:03:38).</p>
----------------------------	---

A apresentadora usa os termos "casa" e "local" para se referir ao terreiro e, ao descrever os prejuízos, omite os objetos religiosos destruídos, mencionando apenas a televisão e o salão. Essas escolhas minimizam o racismo religioso, sugerindo que o ataque foi motivado apenas pela morte da criança. A repetição da palavra "justiça" reforça a justificativa para a violência.

Ao final da notícia, a mídia exhibe novamente a fala da delegada sobre as

<sup>37</sup> TV ATALAIA. Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/8qNj5jZP9ZM?si=Y8AskKt302w9S0cN>. Acesso em: 25 jul. 2024.

"consequências irreparáveis" que o babalorixá teria sofrido se estivesse presente (TV Atalaia, 2018, 00:05:14).

#### 4.7 “DELEGADA INVESTIGA CASO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BAIRRO SOLEDADE”<sup>38</sup>

A sexta notícia sobre o caso inicia com a fala do apresentador:

<p><b>Enunciado 21</b></p>	<p>Agora vem pra cá, quero chamar (nome do repórter), ele está ao vivo na Delegacia de Grupos Vulneráveis, no Departamento de Grupos Vulneráveis, com a delegada [...]. Daqui a pouco, ele vai falar sobre aquele caso, lembra, da morte de (nome da criança), um garoto de 8 anos. A polícia já identificou, já resolveu o caso, já disse como foi o caso, mas só que ficou uma outra situação, porque no dia da morte de (nome da criança), que o garoto foi encontrado, muitos <b>populares</b> colocaram fogo numa casa lá de religião de matriz africana, foi incendiada. A polícia começou a investigar esse caso e a polícia agora já deve estar concluindo (TV Atalaia, 2018, 00:00:01).</p>
----------------------------	--

O apresentador, novamente, chama os agressores de "populares". A repórter, porém, questiona a delegada sobre a demora na conclusão do inquérito (TV Atalaia, 2018, 00:00:52). A delegada afirma que nenhuma testemunha identificou os autores do crime (TV Atalaia, 2018, 00:01:31) e que "ninguém **quer se comprometer** a ajudar a polícia para a identificação" dos criminosos (TV Atalaia, 2018, 00:02:59). Os verbos "querer" e "comprometer" revelam a falta de solidariedade com os povos de terreiro.

A repórter pergunta à delegada se o ato de intolerância religiosa é crime (TV Atalaia, 2018, 00:03:34). A delegada responde afirmativamente, classificando-o como racismo: "Sim [...]. Teve o crime de danos e o crime de intolerância religiosa, que é o racismo" (TV Atalaia, 2018, 00:03:37). Ela também qualifica o crime como "bárbaro" (TV Atalaia, 2018, 00:04:18). Embora a delegada tenha usado o termo "racismo", o apresentador, ao retomar a tela, continua a usar "intolerância":

<sup>38</sup> TV ATALAIA. Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/eeMKhfugME?si=3Z23zGMlqKekclTl>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<b>Enunciado 22</b>	Eu quero falar diretamente com você, olhe, nenhum tipo de <b>intolerância</b> é aceitável. Você pode até não concordar com o pensamento de outra pessoa, os contraditórios tudo bem, mas intolerância, ter que cometer algum tipo de crime, bater em alguém... não. Se você não concorda, se você acha que a pessoa está sendo contra você em alguma coisa, procure a justiça, procure a polícia. Nenhum tipo de intolerância é aceitável, tá certo (TV Atalaia, 2018, 00:04:51).
---------------------	---

#### 4.8 “POLÍCIA CIVIL INVESTIGA INFLUENCIADORA SUSPEITA DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA”<sup>39</sup>

Em 2020, uma influenciadora sergipana foi acusada de racismo religioso por internautas simpatizantes ou praticantes de religiões de matriz africana. Em vídeo publicado em suas redes sociais, ao se deparar com oferendas na rua, ela declarou: "Aqui na pista, ponto de macumba, tá repreendido em nome de Jesus, queima, Senhor... Joga alfazema. É sério, em cada esquina... porque dizem que tem que botar em esquina. Eu hein. Tá repreendido em nome de Jesus. Queima, Senhor" (Raquel, 2020, G1).

A notícia “Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa” começa com o apresentador resumindo o caso e destacando sua opinião a partir do verbo “enojar” sobre a intolerância religiosa:

<b>Enunciado 23</b>	Agora vou te falar uma coisa que me <b>enoja</b> tremendamente: é a tal da <b>intolerância religiosa</b> . A que ponto chega a ignorância humana. Mas tem uma boa notícia: a Polícia Civil vai investigar uma influenciadora digital... que às vezes acho uma bobagem também essa história que eu vou te contar, geralmente são pessoas amadoras que nada sabem do que estão falando [...] por suspeitas de intolerância religiosa.
---------------------	---

O apresentador usa o adjetivo "amadoras" para se referir à influenciadora e, por extensão, à sociedade que demonstra desconhecimento sobre os ritos afro-brasileiros. A influenciadora, ao sugerir que se jogue alfazema sobre as oferendas como forma de "repreender" a fé negra, demonstra esse desconhecimento. O uso de alfazema é parte do culto tradicional afro-brasileiro, e utilizá-lo com o intuito de "neutralizar" a fé negra, demonstra a falta de conhecimento da influenciadora e a sua intenção ofensiva. Após a introdução, a delegada, em entrevista, fornece informações sobre o crime de intolerância religiosa, previsto na Lei nº 7.716/1989, classificando-o como "um tipo de racismo, o racismo religioso" (TV Atalaia, 2018, 00:00:59).

O apresentador, ao finalizar a notícia, expressa sua opinião sem as restrições

<sup>39</sup> TV ATALAIA. Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa. *YouTube*, 2020. Disponível em: [https://youtu.be/o4TK9iYkz\\_w?feature=shared](https://youtu.be/o4TK9iYkz_w?feature=shared). Acesso em: 23 abr. 2024.

observadas nas reportagens anteriores:

<p><b>Enunciado 24</b></p>	<p>Eu estou um pouco cansado [...] de pessoas que não tiveram a intenção e que ofendem. “Não, eu não tive... não foi essa minha intenção”. Tô cansado de <b>amadores</b>, estou cansado de <b>gente mala</b>, de gente preconceituosa, tô cansado de gente <b>burra</b>, e é bom saber que a internet não é um território sem lei. Existe lei e são leis muito severas. Eu até me ofendo, eu estou há muito tempo trabalhando com redes sociais, há muito tempo, já faz coisa de 10 anos. Eu me ofendo quando me chamam de... como é que fala? Digital influencer. Eu não sou, eu não sou influenciador digital. Eu sou jornalista, eu estudei para isso. Então, você tem que separar muito o joio do trigo. Então o preconceito, todo preconceito nasceu da ignorância, da burrice atávica, burrice. A pessoa nasce burra, então, ela acha que o que ela faz é bom e o que o outro faz não é bom. Então, eu não tenho a menor capacidade de julgar absolutamente nada, ainda mais do que se refere à crença religiosa, à fé, meu deus do céu. Eu fico indignado, mas me impressiona também o tamanho, a extensão da burrice. Portanto, sempre quando você ouvir algo, busque o que a pessoa faz, qual é a vida dessa pessoa, o que ela construiu, o que ela fez. Ela se capacitou para isso ou não? Nós estamos assim, nós somos invadidos por amadores o tempo todo. É algo impressionante na comunicação. Tem o lado ótimo, lindo, maravilhoso da internet, mas o que tem de lixo... Noventa por cento é lixo. É gente que não tem a menor noção daquilo que está falando e fala o tempo todo sem parar e aí depois lança: “Eu não tive a intenção. O inferno está lotado de bem-intencionados” (TV Atalaia, 2018, 00:02:53).</p>
----------------------------	--

O apresentador utiliza linguagem informal ("burra", "mala") para se referir à influenciadora, demonstrando que não hesita em expressar sua opinião. Embora empregue expressões de cunho cristão ("separar o joio do trigo", "o inferno está lotado de bem-intencionados"), como em outras reportagens, não há intenção de minimizar as religiões afro-brasileiras ou de compará-las ao cristianismo.

#### 4.9 “ESPECIALISTAS EXPLICAM O QUE É INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E SUAS POSSÍVEIS PUNIÇÕES”<sup>40</sup>

A notícia, que aborda a intolerância religiosa como um problema social, conta com a participação da delegada e da presidente da Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da OAB-Sergipe. O apresentador introduz o tema, ressaltando que a intolerância religiosa é crime e, portanto, relevante para o programa, que tem viés policial (TV Atalaia, 2018).

Em seguida, apresenta a delegada, que, como em outras ocasiões, reitera que a intolerância religiosa é uma forma de racismo, com pena de até cinco anos de prisão (TV Atalaia, 2018). A presidente da Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da OAB-Sergipe também destaca a relação entre racismo e intolerância religiosa.

<p><b>Enunciado 25</b></p>	<p>Ao falarmos de intolerância religiosa, a gente acaba tratando das manifestações somente e não da raiz do problema, que geralmente vem do preconceito racial, vem do preconceito já enraizado na nossa sociedade, que leva as pessoas a crerem que a sua religião é <b>superior à religião do próximo</b> e acabam tendo atitudes até violentas de invadir alguns locais de culto alheio para depredar ou cometer atos de vandalismo e até violência contra os adeptos (TV Atalaia, 2018, 00:02:09).</p>
----------------------------	--

A expressão "superior à religião do próximo", utilizada pela presidente, sugere uma influência cristã, podendo ser associada ao mandamento bíblico "amar ao próximo como a si mesmo". Essa passagem bíblica é citada pelo apresentador ao final da reportagem.

<sup>40</sup> TV ATALAIA. Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições. *YouTube*, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/iQXg7jJ4UIs?si=IibudxqiWowuSOyK>. Acesso em: 25 jul. 2024.

<b>Enunciado 26</b>	Coronel, está aí ó, está aqui na tela, Tolerância Zero, <b>respeite o seu próximo</b> . Rapaz, eu posso falar, né? <b>Eu nasci em Salvador, todo mundo sabe, né?</b> A complexidade e a diversidade de gênero, de arte, de religião, aceite o seu próximo, ame o seu próximo como a si mesmo. Quando perguntaram a ele, ao maior de todos, qual é o maior dos mandamentos, ele disse: primeiro, amar o seu deus acima de todas as coisas, depois amar o teu próximo como a ti mesmo. Eu estou falando de Jesus, foi ele que disse isso (TV Atalaia, 2018, 00:03:34).
---------------------	--

Esses dizeres demonstram a presença do discurso cristão na mídia e na sociedade. Os enunciados do apresentador levantam duas questões problemáticas: 1) a construção de um falso lugar de fala baseado em uma suposta conexão com as religiões afro-brasileiras, apenas por ter nascido em Salvador; 2) a generalização que associa a capital baiana exclusivamente à fé afro-brasileira.

O segundo apresentador também aborda o tema, repetindo o discurso do "amor ao próximo" e apresentando o monoteísmo como solução para a intolerância religiosa:

<b>Enunciado 27</b>	Não há razão, nenhuma razão, e o que a gente vê de todos esses crimes que são cometidos, a palavra principal está em respeito, respeitar ao próximo. Cada um tem a sua opção religiosa, cada um segue a religião que assim desejar e cada um respeita o desejo do outro, assim como quer o seu respeito. Precisa respeitar para que tenhamos uma sociedade sadia, sem nenhum tipo de discriminação. Cada um faz a opção religiosa que assim desejar, até <b>porque deus é único</b> , né? Não há razão para isso (TV Atalaia, 2018, 00:04:10).
---------------------	--

#### 4.10 “COMBATE AO RACISMO DISCRIMINAÇÃO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA”<sup>41</sup>

A notícia aborda o combate à intolerância religiosa no contexto do Dia Internacional contra a Discriminação Racial e do Dia Nacional das Tradições de Raízes Africanas (21 de março). A reportagem inclui entrevistas com sacerdotes de religiões afro-brasileiras, que compartilham suas experiências e o impacto de sua fé em suas vidas.

O apresentador, diferentemente das outras notícias, inicia a reportagem enfatizando a importância de combater o racismo, o preconceito e a intolerância religiosa. A fala de um dos entrevistados, umbandista, merece destaque:

<b>Enunciado 28</b>	Com o passar do tempo eu fui me encontrando cada vez mais, né, na Umbanda, principalmente pela ligação que a Umbanda traz com a natureza, e a natureza é deus. A gente encontra aqui a responsabilidade de ter amor ao próximo, trabalhar esse amor próprio para amar o outro, fazer sempre o bem e acolher sempre os irmãos que chegam precisando, como nós fomos acolhidos um dia (TV Atalaia, 2018, 00:00:31).
---------------------	---

No segundo período, o entrevistado cita o mandamento cristão "amar ao próximo como a si mesmo" para destacar os aspectos positivos da Umbanda. Essa estratégia, utilizada também pelos outros entrevistados, que enfatizam o amor, a saúde e a alegria proporcionados pela religião, parece ser uma forma de proteger o sagrado umbandista da marginalização. O segundo entrevistado afirma que a religião é bela e promove o amor e a saúde (TV Atalaia, 2018), enquanto o terceiro destaca a alegria, o amor, o acolhimento e a rejeição ao preconceito (TV Atalaia, 2018).

Ao final da reportagem, a delegada, como nas notícias anteriores, enfatiza a importância de combater todas as formas de racismo, citando o racismo estrutural e

<sup>41</sup> TV ATALAIA. Combate ao racismo discriminação e intolerância religiosa. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/tP9QfAKkKaY?si=2Xr93R2sCvuZXnmw>. Acesso em: 25 jul. 2024.

institucional como exemplos (TV Atalaia, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a arqueogenealogia foucaultiana, compreendemos a descontinuidade histórica como um conceito desenvolvido para romper com a manipulação da história – estratégia utilizada para que as instituições hegemônicas se mantessem no poder – e, conseqüentemente, para a formação de um arquivo diversificado, ou seja, com mais de um ponto de partida. A ruptura histórica contribui para reavaliar os apagamentos das minorias, considerando-as parte da história. Nessa lógica, o discurso é a prática que constitui o arquivo; por isso, é preciso levar em consideração que as narrativas construídas pelas instituições de poder consideram apenas uma seleção, distribuição e organização favoráveis à sua hegemonia.

Nesse sentido, a advertência de Foucault sobre o discurso não se tratar de apenas experiências evidencia a lógica de que o historiador e/ou o analista precisam questionar as suas regras de formação. Compreendemos, assim, que o sujeito, apesar do seu desejo de transcender perante a sociedade, é apenas um veículo do discurso, excluindo a ideia de que seria seu dono. Assim, o que é dito permanece dito, e as instituições de poder moldam os indivíduos de maneira sutil.

A partir da descontinuidade histórica, percebemos a necessidade de ir além das visões europeias engessadas que apagavam a resistência dos negros durante o Brasil colônia e após esse período, para a construção do arquivo dessa pesquisa. Nesse contexto, a história sob os olhares de estudiosos como Nogueira (2020), Santos (2022), Baniwa (2022) e Querino (2018), que não se deixaram levar pela visão branca de um Brasil descoberto pelos portugueses, traz à tona os prejuízos motivados pela manutenção de poder, a qual teve como uma das suas principais bases a catequização.

Dentre os danos causados pelos colonizadores e as suas tentativas de embranquecer não só os povos de origem africana, mas também os povos indígenas, destacamos, durante a pesquisa, a hostilidade destinada aos povos de terreiro. Constituinte do discurso racista religioso, o ódio à fé negra, no Brasil, é proveniente de uma desvalorização a tudo que possui origem/descendência/ligação com a África e com os povos originários. Foi modelado um discurso que excluía as demais crenças em detrimento das verdades cristãs. A manutenção de dizeres que enaltece o deus branco

como único pôde ser explicada, nesse texto, através do conceito foucaultiano de poder pastoral, levando em consideração que os pastores ainda veiculam essa ideia para suas ovelhas, imbricado nas instituições de poder que já existiam, a partir de campos diversos. Dentre eles, trouxemos a mídia, a qual, no século XX, foi muito utilizada pelas igrejas, principalmente as evangélicas. No entanto, ela também foi utilizada pelos povos de terreiro para a manutenção do discurso de resistência, o que destaca o fenômeno de midiaticização, correspondente às distintas faces da mídia.

Nessa ótica, levando em consideração a mídia no século atual, ao analisarmos os discursos presentes nas notícias da mídia sergipana, não buscamos atribuir culpa aos indivíduos por suas escolhas enunciativas. A partir da perspectiva foucaultiana, entendemos que tanto os indivíduos quanto a mídia (neste caso, a TV Atalaia) são moldados socio-historicamente para reproduzir certos discursos. As tentativas de minimizar o racismo religioso e a violência contra os povos de terreiro são consequências de um processo histórico iniciado com a colonização europeia no século XVI.

Dito isso, ambas as hipóteses da pesquisa foram parcialmente confirmadas. A TV Atalaia, emissora sergipana, aborda as violências sofridas por sacerdotes de terreiros, inclusive em Sergipe. No entanto, como um veículo de grande influência sobre o público, a emissora, por vezes, reproduz essas violências por meio de suas escolhas lexicais e dos recortes exibidos. Em algumas notícias, ela confunde os preceitos das religiões afro-brasileiras com os do cristianismo, eufemiza, em quase todas as notícias, a violência com termos como "intolerância" e "vandalismo" em vez de "racismo", e "populares" em vez de "racistas". Além disso, a TV Atalaia segue um padrão em suas reportagens, recorrendo a figuras de autoridade externas à emissora, como delegados, promotores e representantes da OAB. Percebamos que não há problema em dar a palavra a quem possui direito de fala, mas, no caso da mídia sergipana, isso foi feito de maneira um pouco estática, visto que a entrevista com a delegada, por exemplo, foi praticamente reproduzida em quase todas as notícias, podendo ter sido mais expandida pela emissora.

O objetivo geral deste trabalho – compreender as escolhas enunciativas da TV Atalaia e suas regularidades ao reportar notícias sobre violência contra as religiões afro-brasileiras – foi alcançado. A emissora utiliza predominantemente um discurso cristão que tende a homogeneizar as religiões afro-brasileiras e prefere o sintagma "intolerância" a "racismo".

Compreendemos, por fim, que a materialidade da temática deste trabalho é muito extensa e que merece a nossa atenção no doutorado. Nessa lógica, continuaremos com os estudos sobre o racismo religioso e a hostilidade aos povos de terreiros em Sergipe, nos nossos próximos estudos, objetivando ampliar o nosso arquivo histórico. Nessa lógica, revisitaremos estes estudos e passaremos, em decorrência do tempo maior – quatro anos do doutorado –, a trabalhar mais detalhadamente a teoria foucaultiana, as diferentes culturas afro-religiosas sergipanas e a origem e a continuidade do ódio à fé negra no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- **Livros**

BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. 1. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

DERRIDA, J. *Da hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos IV - estratégia, poder, saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GÂNDAVO, P. M. de. *Tratado da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1965.

MACEDO, E. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*. 6. ed. São Paulo: Unipro Editora, 2019.

MATTOS, R. A. de. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.

NOGUEIRA, S. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANTOS, Y. L. dos. *Racismo brasileiro: uma história da formação do país*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2022.

VERGER, P. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. 1. ed. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.

VEYNE, P. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

*Estatuto da Igualdade Racial e normas correlatas*. 2. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023.

- **Artigos em Periódicos**

ALMEIDA, M. C. O.; SILVEIRA, C. N. D.; FERREIRA, P. R. Sermões e catecismos no Brasil Colonial: instruir para escravizar. *Seminário Gepráxis*, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 8, n. 15, p. 1-14, 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9934>. Acesso em: 26 jul. 2024.

ASSIS, E. G. de. As novas configurações identitárias e seus efeitos de sentido na mídia brasileira. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 17, n. 3, p. 433-448, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/hkJvDG73mDCQfJjp874xmpM/?lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2024.

BANIWA, G. Desafios no caminho da descolonização indígena. *Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais*, v. 2, n. 1, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/54058>. Acesso em: 25 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. História indígena no Brasil independente: da ameaça do desaparecimento ao protagonismo e cidadania diferenciada. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 9-32, 2023. DOI: 10.5216/rth.v26i1.76035. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/76035>. Acesso em: 25 jul. 2024.

BELLOTTI, K. K. "Delas é o Reino dos Céus": mídia evangélica infantil e o supermercado cultural religioso no Brasil (Anos 1950 a 2000). *HISTÓRIA*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742009000100022>. Acesso em: 4 jan. 2025.

BRAGA, A.; SÁ, I. Da determinação histórica da Língua(gem): contribuições da análise do discurso ao ensino da linguística. *Revista do GELNE*, v. 22, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/18410/12288>. Acesso em: 25 jul. 2024.

CARVALHO, A. F. de. Foucault: atualizador da genealogia nietzschiana. *Cadernos Nietzsche*, n. 30, 2012. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/periodicos/cadernos-nietzsche/leitura/166/16459>. Acesso em: 25 jul. 2024.

DE SOUZA ASSIS, D. A argumentação no discurso do padre Fábio de Melo no programa “de frente com Gabi”: um estudo do discurso religioso midiaticizado. *Cadernos do IL*, v. 1, n. 55, p. 11-26, 2017. DOI: 10.22456/2236-6385.67809. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/67809>. Acesso em: 7 ago. 2024.

FÉLIX, J. de S.; SANTI, V. J. O uso da mídia televisiva por grupos e instituições religiosas no Brasil: uma análise da atuação da IURD na Rede Record. *Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, v. 2, n. 2, p. 245-260, 20---. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/5195>. Acesso em: 26 jul. 2024.

GREGOLIN, M. do R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 39, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>. Acesso em: 2 mar. 2024.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/105>. Acesso em: 25 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Formação discursiva, redes de memória e trajetórias sociais de sentido: mídia e reprodução de identidades. *Universidade Estadual Paulista (UNESP)*, Araraquara, SP, 2005. Disponível em: <https://geadaararaquara.blogspot.com/2015/09/formacao-discursiva-redes-de-memoria-e.html>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LUIZ, F. Da arqueologia à genealogia: algumas diferenças no pensamento de Michel Foucault. *Revista Itaca*, n. 37, 20--. ISSN 1679-6799. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/58996>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/H6DCFyvKr6Yrxw7W6pWJcBz/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*, dez. 2008, p. 68-95. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/). Acesso em: 4 jan. 2025.

\_\_\_\_\_. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2011.2.9647>. Acesso em: 26 jul. 2024.

MOTA, E. G. Diálogos sobre religiões de matrizes africanas: racismo religioso e história. *Revista Calundu*, v. 2, n. 1, 20--. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/9543>. Acesso em: 26 jul. 2024.

MUNANGA, K. Negridade e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 4, n. 8, p. 6-14, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 25 jul. 2024.

NAVARRO, P.; SARGENTINI, V. Por uma arqueogenealogia dos estudos discursivos foucaultianos no Brasil. *Revista da Anpoll*, v. 53, n. 2, p. 20-40, 2022. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1777>. Acesso em: 25 jul. 2024.

OLIVEIRA SARGENTINI, V. M. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso?. *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 1, p. 34-47, 2019. DOI: 10.14393/HTP-v1n1-2019-48526. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48526>. Acesso em: 2 abr. 2024.

PACHECO, L. C. Racismo e intolerância religiosa: representações do Xangô nos jornais de Maceió entre 1905 e 1940. *Sankofa (São Paulo)*, v. 8, n. 15, p. 80-109, 20--. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/102435>. Acesso em: 26 jul. 2024.

RAMÚSYO, Marcus. “Viva Oxalá” e a subversão do discurso imagético-cultural neopentecostal e católico na TV. *Revista Aurora*, n. 6, 2009: Literatura Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4178>. Acesso: 02/04/2025.

SILVA, C. da C., & Rocha, J. G. (2013). Joãozinho da Goméa e a Influência das Religiões de Matrizes Africanas no cenário carioca. *Revista Magistro*, 1(7). Recuperado de <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/magistro/article/view/2012>.

TESSAROLE, C. de L.; DE BRITTO, V. L.; DA SILVA, J. L. M. Cenários da diversidade religiosa e os desafios das religiões de matrizes africanas / Religious diversity scenarios and the challenges of religions of african matrix. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 8, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/35221>. Acesso em:

26 jul. 2024.

- **Capítulos de Livros**

FERNANDES, C. Discurso. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. (Org.). *Glossário de termos do discurso - edição ampliada*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

OLIVEIRA SARGENTINI, V. M. A noção de Formação Discursiva: uma relação estreita com o corpus na análise do discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Araraquara: Letraria, 2020.

PRUINELLI, A. M. Formação ideológica. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. (Org.). *Glossário de termos do discurso - edição ampliada*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

- **Monografias, Dissertações e Teses**

AGUIAR, C. M. O. de. *Imagens da intolerância na mídia: apropriação dos elementos da cultura negra pela Igreja Universal do Reino de Deus na configuração dos programas religiosos da TV Record*. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

ARAÚJO, M. A. de. *Imagens profanas na sagrada mídia? Imagens sagradas na mídia profana? Algumas reflexões a respeito da televisão católica no Brasil*. 2012. 212 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

BELINASSI, R. *A defesa das religiões de comunidades tradicionais de terreiro: os desafios da luta contra as formas de intolerância religiosa*. 2021. 270 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

BOMFIM, A. J. R. *Um alarido neopentecostal: transversalidade e ressignificação na Igreja Universal do Reino de Deus*. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

CONCEIÇÃO, T. S. da. *Disseminação da informação no combate à intolerância religiosa: um estudo exploratório*. 2022. 70 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022.

CORRÊA, J. de S. *O dano moral decorrente da ofensa à liberdade religiosa dos adeptos das religiões de matriz africana*. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Direito, Salvador, 2008.

CORTÊS, M. M. P. *Diabo e fluoxetina = formas de gestão da diferença*. 2012. 384 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2012.

COSTA, P. M. C. *Evangélicos na mídia: a atuação dos novos agentes evangélicos midiáticos no Brasil*. 2015. 225 f. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação) –

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

GOMES, D. R. *"A gente não tem nosso canto, não tem um lugar": práticas discursivas sobre a assistência religiosa de matriz africana no cárcere*. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, Salvador, 2018.

GOMES, J. E. S. *Costurando o fio da memória: a trajetória de Rosalina Santos, costureira negra na "Aracaju romântica" (1924-2021)*. 2023. 146 f. Dissertação (Pós-Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

MOITINHO, V. C. *Inimizade racial e letalidade policial no Brasil*. 2023. 152 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

OLIVEIRA, I. de M. *Calem os tambores e parem as palmas: repressão às religiões de matriz africana e a percepção social dos seus adeptos sobre o sistema de justiça em Sergipe*. 2014. 239 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RABELO, D. dos S. *Entre o contorno legal da escravidão e o trabalhismo: a manutenção do racismo através de uma autonomia dependente*. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

ROSA, H. S. L. M. *O papel das redes sociais na luta contra a intolerância afro-religiosa no Brasil*. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

ROSA JÚNIOR, J. de A. *Xirê: troca, fluxo e circulação do axé como forma de manutenção da sociabilidade no candomblé*. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SÁ, I. de. *Da repressão à abertura política: processos de espetacularização do discurso político*. 2011. 215 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

SANTOS, A. F. N. dos. *Em nome da audiência: estudo de recepção com telespectadores das telenovelas bíblicas exibidas pela Record TV*. 2021. 210 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

SANTOS, E. B. M. *Nós falaremos por nós: uma encruzilhada autoetnográfica sobre a construção da identidade negra a partir das comunidades tradicionais de terreiro*. 2022. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

SANTOS, I. *Da terra para as águas: trajetória de José Augusto dos Santos – (1929-2006)*. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SANTOS, J. R. dos. *Arqueologia da imagem no ensino de língua portuguesa no Brasil (1960-2010)*. 2015. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SENNA, C. H. C. *Midiatização do campo religioso: a recepção da celebridade Padre Fábio de Melo por seus fãs/devotos*. 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.

SOUZA FILHO, F. J. de. *Candomblé na cidade de Aracaju: território, espaço urbano e*

*poder público*. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2010.

- **Sites e Portais**

Acordo garante veiculação de programas com direito de resposta das religiões afro-brasileiras na Record News. *Tudorondonia.com Jornal Eletrônico Independente*, 2019. Disponível em: <https://tudorondonia.com/noticias/acordo-garante-veiculacao-de-programas-com-direito-de-resposta-das-religoes-afro-brasileiras-na-record-news,33533.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2024.

ARCOVERDE, L. Taxa de homicídio de homens negros no Brasil é quase 4 vezes maior do que a de não negros, aponta estudo. *GloboNews*, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/19/taxa-de-homicidio-de-homens-negros-no-brasil-e-quase-4-vezes-maior-do-que-a-de-nao-negros-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2024.

CAPEZ, F. Restrição à liberdade religiosa na pandemia e sua competência legislativa. *Consultor Jurídico*, 2023. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2023-mai-04/controversias-juridicas-restricao-liberdade-religiosa-durante-pandemia-competencialegislativa/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

GOMES, E. Barrados no Baile (AO VIVO EM SALVADOR). *YouTube*, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/LtPI8hHZ3hA?si=oK6ei4ibS0dR0L9f>. Acesso em: 23 abr. 2024.

INFLUENCIADORA digital de Sergipe é investigada por suspeita de intolerância religiosa. *GI Sergipe*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/12/14/influenciadora-digital-de-se-e-investigada-por-suspeita-de-intolerancia-religiosa.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LAB-NAU-USP. As Palavras e as Coisas/Michel Foucault (Curso de Extensão FFLCH/USP). *YouTube*, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/Fe3LIho7zpc?si=ktD1czsr5eTGNwZj>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MOURA, R. Mãe perde guarda da filha após jovem participar de ritual do candomblé. *Uol*, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/07/mae-perde-guarda-da-filha-apos-jovem-participar-de-ritual-do-candomble.htm>. Acesso em: 23 abr. 2024.

RECONNECTE: Espiritualidade para além da religião. O que é Racismo Religioso? Com Professor Marcus Gigio. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/iJr0BuQ4BDg?si=QJRIXh2D8RjhZDFo>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SOUZA, L. G. de. Record é condenada a exibir programas de religiões de matriz africana em horário nobre. *Mundo Negro*, 2018. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/ppopulacoes-de-matrizes-africanas-vencem-por-unanimidade-acao-contra-rede-record/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

TV SENADO. Racismo religioso é parte da perseguição ao legado cultural africano, aponta Idafro. *YouTube*, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/PDg-erfayoQ?si=6u-TKw4V0D4ZTsnY>. Acesso em: 19 nov. 2023.

TV ATALAIA. Combate ao racismo, discriminação e intolerância religiosa. *YouTube*,

2023. Disponível em: <https://youtu.be/tP9QfAKkKaY?si=2Xr93R2sCvuZXnmw>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TV ATALAIA. Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/joyrPsgJ6JM?feature=shared>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TV ATALAIA. Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições. *YouTube*, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/iQXg7jJ4UIs?si=libudxqiWowuSOyK>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TV ATALAIA. Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/j4IVFyYK2gk?si=vD3syhdzWgrxXrSw>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TV ATALAIA. Intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/yaA09EYwWuE?si=FriGwZAJHv2kLAQM>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TV ATALAIA. Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/8qNj5jZP9ZM?si=Y8AskKt302w9S0cN>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TV ATALAIA. Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa. *YouTube*, 2020. Disponível em: [https://youtu.be/o4TK9iYkz\\_w?feature=shared](https://youtu.be/o4TK9iYkz_w?feature=shared). Acesso em: 23 abr. 2024.

TV ATALAIA. Polícia investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: [https://youtu.be/tJaJAEXjHdg?si=CoerPfQjy2rGCv\\_p](https://youtu.be/tJaJAEXjHdg?si=CoerPfQjy2rGCv_p). Acesso em: 25 jul. 2024.

TV ATALAIA. Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade Cidade Alerta. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/naLTNioFMJA?si=YAVnya9xk1tN2605>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TV ATALAIA. Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/eeMKhfeugME?si=3Z23zGMIqKekclTI>. Acesso em: 25 jul. 2024.

## ANEXOS

**Imagem 5:** “Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa<sup>42</sup>”**Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa - BALANÇO GERAL MANHÃ**

Tv Atalaia ✓  
870 mil inscritos

Inscriver-se



1



Compartilhar



68 visualizações 23 de jan. de 2018

<sup>42</sup> TV ATALAIA. Encontro marca semana da luta contra intolerância religiosa. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/joyrPsgJ6JM?feature=shared>. Acesso em: 25 jul. 2024.

**Imagem 6:** “Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade”<sup>43</sup>



**Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade -  
CIDADE ALERTA SERGIPE**



**Tv Atalaia** ✓  
870 mil inscritos

**Inscriver-se**

👍 481



🔗 Compartilhar



20.115 visualizações 11 de out. de 2018

<sup>43</sup> TV ATALAIA. Intolerância religiosa: terreiro de babalorixá é incendiado na Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/j4IVFyYK2gk?si=vD3syhdzWgrxXrSw>. Acesso: 25 jul. 2024.

**Imagem 7:** “Polícia investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade”<sup>44</sup>



### Polícia investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade - Balanço Geral Sergipe



Tv Atalaia ✓  
870 mil inscritos

Inscriver-se

👍 2



➦ Compartilhar



196 visualizações 23 de out. de 2018

<sup>44</sup> TV ATALAIA. Polícia investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: [https://youtu.be/tJaJAEXjHdg?si=CoerPfQjy2rGCv\\_p](https://youtu.be/tJaJAEXjHdg?si=CoerPfQjy2rGCv_p). Acesso em: 25 jul. 2024.

**Imagem 8:** “Intolerância religiosa no bairro Soledade”<sup>45</sup>



### Intolerância religiosa no bairro Soledade - Cidade Alerta



**Tv Atalaia** ✓  
870 mil inscritos

Inscriver-se

👍 22



➦ Compartilhar



807 visualizações há 6 anos

<sup>45</sup> TV ATALAIA. Intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/yaA09EYwWuE?si=FriGwZAJHv2kLAQM>. Acesso em: 25 jul. 2024.

**Imagem 9:** “Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade”<sup>46</sup>



**Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade Cidade Alerta**



**Tv Atalaia** ✓  
870 mil inscritos

**Inscriver-se**



**Compartilhar**



230 visualizações 24 de out. de 2018

<sup>46</sup> TV ATALAIA. Promotor de Justiça fala sobre o caso de intolerância religiosa no bairro Soledade Cidade Alerta. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/naLTNioFMJA?si=YAVnya9xk1tN2605>. Acesso em: 25 jul. 2024.

**Imagem 10:** “Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes”<sup>47</sup>



### Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes - Balanço Geral Manhã



Tv Atalaia ✓  
870 mil inscritos

Inscriver-se

386



Compartilhar



17.894 visualizações 24 de out. de 2018

<sup>47</sup> TV ATALAIA. Caso Ruan: intolerância religiosa causou prejuízos a inocentes. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/8qNj5jZP9ZM?si=Y8AskKt302w9S0cN>. Acesso em: 25 jul. 2024.

**Imagem 11:** “Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade<sup>48</sup>”



**Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade -  
Balanço Geral Sergipe**



**Tv Atalaia** ✓  
870 mil inscritos

Inscriver-se



7



Compartilhar



135 visualizações 13 de nov. de 2018

<sup>48</sup> TV ATALAIA. Delegada investiga caso de intolerância religiosa no bairro Soledade. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/eeMKhfeugME?si=3Z23zGMlqKekclTl>. Acesso em: 25 jul. 2024.

**Imagem 12:** “Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa”<sup>49</sup>



### Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa - Balanço Geral Sergipe



Tv Atalaia ✓  
870 mil inscritos

Inscriver-se

👍 59



➦ Compartilhar



1.497 visualizações 14 de dez. de 2020

<sup>49</sup> TV ATALAIA. Polícia Civil investiga influenciadora suspeita de intolerância religiosa. *YouTube*, 2020. Disponível em: [https://youtu.be/o4TK9iYkz\\_w?feature=shared](https://youtu.be/o4TK9iYkz_w?feature=shared). Acesso em: 23 abr. 2024.

**Imagem 13:** “Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições”<sup>50</sup>



### Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições - Tolerância Zero



Tv Atalaia ✓  
870 mil inscritos

Inscriver-se

👍 29



➦ Compartilhar



406 visualizações 16 de nov. de 2021 #tvatalaia #recordtv #sergipe

<sup>50</sup> TV ATALAIA. Especialistas explicam o que é intolerância religiosa e suas possíveis punições. *YouTube*, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/iQXg7jJ4UIs?si=IibudxqiWowuSOyK>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Imagem 14: “Combate ao racismo discriminação e intolerância religiosa”<sup>51</sup>



### Combate ao racismo discriminação e intolerância religiosa - Balanço Geral Manhã



Tv Atalaia ✓  
870 mil inscritos

Inscriver-se

8



Compartilhar



184 visualizações 22 de mar. de 2023 #tvatalaia #recordtv #sergipe

<sup>51</sup> TV ATALAIA. Combate ao racismo discriminação e intolerância religiosa. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/tP9QfAKkKaY?si=2Xr93R2sCvuZXnmw>. Acesso em: 25 jul. 2024.